

**AS MOTIVAÇÕES E O BEM-ESTAR DE VOLUNTÁRIOS BRASILEIROS EM
AÇÕES SOCIAIS, EDUCATIVAS E DE SAÚDE.**

Cristina da Silva Hasse

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia sob orientação do Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera.

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Porto Alegre, março de 2018.**

Agradecimentos

Serei para sempre grata...

Ao meu orientador, Dr. Jorge Castellá Sarriera, pela paciência com esta pesquisadora iniciante cheia de inseguranças. E principalmente por todo o aprendizado durante este tempo que trabalhamos juntos.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária, pelo incentivo diante de cada desafio e por compartilharem comigo suas experiências nesta caminhada acadêmica.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS, por me abrir as portas para o mundo da pesquisa científica e ainda me oferecer a oportunidade singular de cursar seis meses numa universidade estrangeira.

À banca avaliadora desta dissertação, pela disponibilidade e pelas valiosas contribuições para o desenvolvimento deste trabalho.

Às instituições que abriram suas portas e permitiram o acesso a seus voluntários para que a pesquisa pudesse acontecer.

Aos meus amados pais, pelo incansável apoio a todas as minhas decisões ao longo destes três anos e por serem a minha força quando eu fraquejei. Sua determinação em me ajudarem a realizar meus sonhos me inspiram a continuar lutando.

À minha tia, que me acolheu numa nova cidade e foi um suporte fundamental nesta caminhada.

Aos meus familiares que fizeram de minhas ausências novas oportunidades de manifestarem seu cuidado comigo.

Aos meus amigos, que souberam ouvir quando precisei falar e souberam aconselhar quando precisei de apoio.

Aos meus afilhados Isabelle, Otávio, Josué e Theo. Vocês ainda nem conseguem entender o quão importante foram para mim durante o mestrado, mas agradeço porque cada minuto que passei com vocês me encheu de esperança e novo ânimo para seguir em frente.

Por fim, deixo o agradecimento mais importante. A Deus, aquele que me mostrou o caminho, me acompanhou e usou todas as pessoas mencionadas acima para cuidar e abençoar minha vida.

A todos vocês que me ajudaram a chegar ao fim deste mestrado, o meu muito obrigada!

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	3
LISTA DE TABELAS.....	4
LISTA DE FIGURAS.....	5
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	6
RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
APRESENTAÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO.....	10
Voluntariado.....	11
O espaço do voluntariado na sociedade.....	11
Motivações para o voluntariado.....	14
Bem-estar.....	15
Justificativa e objetivos.....	18
CAPÍTULO II: MOTIVAÇÃO E BEM-ESTAR DE PARTICIPANTES EM AÇÕES DE VOLUNTARIADO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.....	20
INTRODUÇÃO.....	20
MÉTODO.....	21
RESULTADOS.....	22
Características do Estudo.....	23
Tipos de motivações e bem-estar.....	27
Relação entre motivações e bem-estar.....	31
DISCUSSÃO.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
CAPÍTULO III: MOTIVAÇÕES E BEM-ESTAR DE VOLUNTÁRIOS: ESTUDO EMPÍRICO COM AMOSTRA BRASILEIRA.....	36
INTRODUÇÃO.....	36
MÉTODO.....	39
Participantes.....	39
Instrumentos.....	39
Procedimentos.....	41
Análise de dados.....	41
RESULTADOS.....	41
Funções do voluntariado.....	41
Bem-estar.....	50
Relação entre motivações e bem-estar.....	56
DISCUSSÃO.....	57
Funções do voluntariado.....	57
Bem-estar.....	60
Relação entre motivações e bem-estar.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
Referências.....	65
ANEXO A.....	76
ANEXO B.....	79
ANEXO C.....	80
ANEXO D.....	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Características dos estudos

Tabela 2: Motivações e benefícios percebidos pelos participantes nos estudos qualitativos

Tabela 3: Motivações e bem-estar nos estudos quantitativos

Tabela 4: Análises estatísticas e resultados dos estudos quantitativos.

Tabela 5: Resultados da Análise Fatorial Exploratória do Inventário de Funções do Voluntariado.

Tabela 6: Resultados das análises de variância das motivações para o voluntariado de acordo com sexo e faixa etária.

Tabela 7: Resultados das análises de variância das medidas de bem-estar de acordo com sexo, faixa etária e tempo de voluntariado.

Tabela 8: Coeficientes de correlação (R^2) e coeficientes da regressão padronizados (β) das análises de regressão de cada medida de bem-estar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Combinação dos termos para busca nas bases de dados.

Figura 2. Fluxograma da seleção de artigos conforme protocolo PRISMA.

Figura 3. Interação CarreiraIFV x faixa etária

Figura 4. Interação sexo*faixa etária e CarreiraIFV

Figura 5. Interação IFVProteção x faixa etária

Figura 6. Interação sexo*faixa etária x IFVProteção

Figura 7. Interação IFVSocial x faixa etária

Figura 8. Médias e intervalos de confiança da ValoresIFV por sexo

Figura 9. Médias e intervalos de confiança da IFVEntendimento por sexo

Figura 10. Interação sexo*faixa etária e IFVEngrandecimento

Figura 11. Médias SCI por faixa etária

Figura 12. Médias SCI por tempo de trabalho voluntário

Figura 13. Interação faixa etária*TV e SCI

Figura 14. Interação BEgeral x faixa etária

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANOVA: Análise de Variância

BNDES: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EBEP: Escala de Bem-estar Psicológico

IAVE: *International Association for volunteer Effort*

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFV: Inventário de Funções do Voluntariado

MANOVA: Análise Multivariada de Variância

ONGs: organizações não governamentais

ONU: Organização das Nações Unidas

PRISMA: *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*

PWI: *Personal Wellbeing Index*

SCI: *Sense of Community Index*

SciELO: *Scientific Electronic Library Online*

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo investigar a relação que se estabelece entre as motivações e o bem-estar de voluntários. Para tanto, foram realizados dois estudos. O primeiro objetivou realizar um levantamento sistematizado da literatura produzida sobre o tema e realizou buscas nas bases de dados PsycInfo, *Web of Science*, Scopus, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), e Index Psi. Foram localizados 29 artigos que contemplaram os critérios de inclusão, de metodologias quantitativas transversais, qualitativas transversais e longitudinais e métodos mistos transversais. Os artigos se valeram de diferentes teorias motivacionais e instrumentos de avaliação, com maior frequência de uso do Inventário de Funções do Voluntariado. As análises de associação realizadas nos artigos quantitativos identificaram que altos níveis de bem-estar estavam relacionados a motivos baseados no prazer, proteção do eu, normas sociais, valores, conhecimento e motivações de aproximação, religiosidade e senso global de responsabilidade, paixão harmoniosa e engrandecimento. Baixos níveis de bem-estar foram preditos por motivos relacionados a carreira, proteção do eu, baixa autoestima e paixão obsessiva. O segundo estudo buscou analisar a relação entre motivações para o voluntariado e o bem-estar multidimensional em voluntários brasileiros. Participaram 267 voluntários de ambos os sexos e com idade entre 18 e 76 anos, contatados através das instituições a que eram vinculados. O questionário foi composto por questões sociodemográficas e pelos instrumentos *Personal Wellbeing Index*, *Sense of Community Index*, Escala de Bem-Estar Psicológico e Inventário de Funções do Voluntariado. Foram realizadas ANOVAs para investigar as diferenças entre grupos em cada uma das medidas. Os principais resultados apontam que os motivos de valores e entendimento variaram conforme o sexo, e os de carreira, engrandecimento, proteção do eu e social se diferenciaram entre faixas etárias. A interação entre sexo e faixa etária foi significativa nas funções engrandecimento, carreira e proteção do eu. Nas medidas de bem-estar, houve diferenças significativas no senso de comunidade e no bem-estar geral, ambos variando conforme faixa etária e tempo de voluntariado. Para averiguar a relação entre as diferentes motivações e o bem-estar dos voluntários foram realizadas análises de regressão múltiplas. Os principais resultados identificaram uma relação positiva do bem-estar pessoal com a função entendimento e negativa com a função proteção do eu. Verificou-se a necessidade de incluir outras variáveis para explicar melhor as diferenças entre estudos no tema.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the relationship established between motivations and well-being of volunteers. For that, two studies were conducted. The first one aimed to systematically review the literature on what has been written about this subject so far, and searched in Web of Science, Scopus, Scientific Electronic Library Online (SciELO), and Index Psi databases. 29 articles that fulfilled inclusion criteria were found, which used cross-sectional quantitative, cross-sectional and longitudinal qualitative, and mixed methods. The articles used different motivational theories and evaluation instruments, being the Volunteer Functions Inventory the most frequent one. The association analysis of the quantitative articles identified that higher levels of well-being were related to motives based on pleasure, protection of self, social norms, values, understanding, approach motivations, religiosity and global sense of responsibility, harmonious passion and enhancement. Lower levels of well-being were predicted by career and protective motives, as well as by low self-esteem and obsessive passion. The second study aimed to analyze the relationship between motivations for volunteering and multidimensional well-being in Brazilian volunteers. 267 volunteers of both sexes with age from 18 to 76 years old participated in the study, and were contacted through the institutions they volunteer for. Questionnaire was formed by sociodemographic questions and by the instruments Personal Wellbeing Index, Sense of Community Index, Psychological Well-being Scale and Volunteer Functions Inventory. ANOVAs were conducted in order to investigate the differences between groups concerning each of the measures. Main results include that motives related to values and understanding varied according to sex, and the ones related to career, enhancement, protection of self e social varied according to age. Interaction between sex and age was significant in functions enhancement, career and protection of self. In well-being measures, there were significant differences in sense of community and global well-being according to age and for how long one has been volunteering. To investigate the relationship between different motivations and well-being of the volunteers, multiple regression analysis were conducted. Main results identified a positive relationship between personal wellbeing and the function understanding, and a negative one with the function protection of self. It was verified that it is necessary to include other variables to explain the differences found in studies about this theme.

APRESENTAÇÃO

Este estudo se dedica a investigações sobre a temática do voluntariado, especificamente no que se refere a motivações e bem-estar de voluntários. Para isto, baseia-se na Teoria Funcionalista (Clary et al., 1998) das motivações para o voluntariado e no modelo multidimensional do bem-estar (Sarriera, 2015).

A dissertação se propõe a investigar qual a relação entre os diferentes motivos que levam alguém a ser voluntário e o bem-estar destas pessoas. Neste sentido, no capítulo I são apresentadas as bases teóricas referentes a teorias motivacionais e de bem-estar, bem como aspectos contextuais do voluntariado.

Após esta introdução teórica são apresentados dois estudos. O capítulo II apresenta um estudo de revisão sistemática da literatura, cujo objetivo é sintetizar o que a literatura produziu sobre a relação entre os dois aspectos de interesse neste trabalho, com ênfase nas teorias motivacionais, nos conceitos de bem-estar, e nas análises realizadas para apontar a relação entre eles.

No capítulo III é apresentado um estudo empírico realizado com voluntários brasileiros. Este estudo buscou caracterizar as principais motivações dos voluntários participantes para se engajarem na atividade, bem como as diferenças entre grupos segundo sexo e faixa etária. Também objetivou apresentar os níveis de bem-estar e as diferenças entre grupo de acordo com sexo, faixa etária e tempo de voluntariado. Por fim, averiguou se existe relação significativa entre os distintos tipos de motivação e cada uma das medidas de bem-estar consideradas neste trabalho.

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Diante da complexidade da sociedade contemporânea, observa-se que algumas pessoas têm a iniciativa de tentar contribuir de alguma forma para amenizar os problemas sociais e se engajam em trabalhos voluntários. Frequentemente essas pessoas são consideradas altruístas e expressam imensa satisfação por realizarem tais atividades. Assim, a proposta deste trabalho é investigar a relação entre a motivação para o voluntariado e bem-estar em voluntários de ações sociais.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), em 2010 havia 290,7 mil Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil. Dessas instituições, 72,2% (210,0 mil) apoiavam-se em trabalho voluntário e prestação de serviços autônomos, sem formalizar a contratação de nenhum dos funcionários.

Uma pesquisa da Fundação Itaú Social em parceria com o Instituto de Pesquisa Datafolha (2014) apontou que 11% da população brasileira participava em atividades voluntárias em 2014. Em contrapartida, 72% declararam nunca haver vivido esta experiência e 17% já havia participado e não o fazia mais, alegando, principalmente, falta de tempo (Fundação Itaú Social & Instituto de Pesquisa Datafolha, 2014).

As maiores taxas de voluntariado são observadas nos países anglo-saxões e europeus, onde também é produzida a maioria do conhecimento sobre este fenômeno (Galán & Cabrera, 2002; Marta, Pozzi, & Marzana, 2010). Pesquisas estimam que cerca de 18% dos adultos espanhóis (GHK, 2010), 16,6% dos britânicos (Ruiter & De Graaf, 2006) e 36% dos australianos (Australian Bureau of Statistics, 2011) se dedicam ao voluntariado, enquanto a média europeia é de 34% (GHK, 2010).

No Brasil, diversos estudos na área do terceiro setor têm se dedicado a investigar a motivação dos voluntários, especialmente desde os anos 1980, período de crescimento das organizações solidárias e sociais (Cavalcante, Souza, & Mól, 2015). Além disso, o voluntariado tem sido relacionado a vários efeitos positivos. A prática de ajudar os outros está associada, direta ou indiretamente, a benefícios para o bem-estar subjetivo, satisfação com a vida, emoções positivas, bem-estar psicológico e senso de comunidade (Greenfield & Marks, 2004; Meier & Stutzer, 2008; Piliavin & Siegl, 2007; Pozzi, Marta, Marzana, Gozzoli, & Ruggieri, 2014; Vecina & Chacón, 2005).

Identifica-se aqui, um campo de pesquisa que pode ser mais explorado pela Psicologia. Os estudos sobre bem-estar estão se aprofundando e, com isso, novas facetas

deste construto são descobertas. Assim, surgem novas possibilidades de investigação sobre como ele é afetado por aspectos como o trabalho voluntário.

Voluntariado

O voluntariado se distingue dos demais comportamentos pró-sociais por seu caráter planejado, sustentado e contínuo (Snyder & Omoto, 2008). Omoto e Snyder (1995) propuseram um modelo do voluntariado em que são definidos três estágios: antecedentes, experiência e consequências. Os antecedentes incluem aspectos da personalidade, motivações e apoio social. No estágio da experiência são consideradas a satisfação com o voluntariado e a integração à organização na qual o voluntário está inserido. Por fim, as consequências se referem ao tempo que o voluntariado permanece engajado na atividade. Além disso, os autores também consideram que as atividades voluntárias podem ter consequências sobre as atitudes, medos, conhecimento do voluntário (Omoto & Snyder, 1995).

Entre os principais temas de pesquisa relacionados ao voluntariado encontram-se as características motivacionais, situacionais e de personalidade que apontam para uma maior tendência dos indivíduos a voluntariarem-se (Pilati & Hees, 2011). Este modelo propõe que as motivações influenciam diretamente sobre a duração do voluntariado (Omoto & Snyder, 1995). Por isso, este aspecto dos antecedentes será enfatizado neste trabalho. Entretanto, antes de abordar as teorias motivacionais, cabe uma breve reflexão sobre o papel deste fenômeno dentro de diferentes contextos político-sociais.

O espaço do voluntariado na sociedade

Autores da área da administração e economia têm destacado a importância do envolvimento conjunto do Estado, do Mercado e do Terceiro Setor para solucionar as contradições e conflitos da época atual (Sampaio, 2004). Este último trata-se da atuação pública não-estatal, formado a partir de iniciativas privadas, voluntárias, sem fins lucrativos, no sentido do bem comum. No Brasil a participação de entidades sem fins lucrativos remonta ao final do século XIX, entretanto foi a partir da década de 60 que surgiram e se consolidaram as organizações não governamentais (ONGs) hoje presentes no cenário nacional (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, [BNDES], 2001).

Com o fim do governo militar e a consolidação da democracia no país ampliou-se o espaço para uma atuação mais efetiva das organizações não governamentais, cujo número elevou-se rapidamente frente ao aumento das dificuldades socioeconômicas vivenciadas pelo Brasil (BNDES, 2001). Para levar a cabo seus projetos as instituições contam, em grande

parte, com investimentos do governo. Seja de forma direta, através de recursos públicos disputados por projetos e programas específicos, ou de forma indireta, através dos incentivos fiscais oferecidos a empresas privadas que deslocam parte de seus impostos a instituições do terceiro setor (Accorssi, Scarparo, & Guareschi, 2012).

Atualmente o voluntariado tem sido reconhecido como prática importante nos discursos e planejamentos que visam à transformação social e incentivado por inúmeras instituições do terceiro setor. A importância do assunto é tal que, em 1970, a Assembléia Geral das Nações Unidas criou o programa Voluntários das Nações Unidas (*United Nations Volunteer*) (Rezende, 2008), que promove a paz e o desenvolvimento através do voluntariado ao redor do mundo.

Uma vez admitida a importância do voluntariado, cabe refletir sobre qual o espaço que ele ocupa dentro dos diferentes ideais político-sociais. O modelo conservador de Estado de Bem Estar confere às instituições primárias mais próximas ao indivíduo a responsabilidade de proporcionar serviços básicos para cidadania. Os protagonistas do desenvolvimento social são a família, as instituições religiosas e o conjunto de organizações solidárias, e não o Estado (García Roca, 2001). Assim, o voluntariado desempenha um papel fundamental para a manutenção do espírito democrático (Carballal, 2009).

O liberalismo, por sua vez, consiste em menos regulação e mais liberdade. Se opõe a toda intervenção protetora, seja por agentes públicos ou privados (Carballal, 2009). Já sua face mais recente, o neoliberalismo, entende que o Estado é inútil e nocivo quando se trata de assumir compromissos sociais. O projeto neoliberal de sociedade começa utilizando as organizações sociais como prestadoras de serviços e acaba por submetê-las aos critérios de organização empresarial. Se configura um mercado de solidariedade, em que o voluntariado atua como uma ampliação da economia de mercado (García Roca, 2001).

O modelo socialdemocrata, em um primeiro momento, previa o Estado como o agente máximo nivelador das desigualdades sociais e o voluntariado como uma prática provisória para atender às necessidades que o Estado não estava conseguindo (Carballal, 2009). Posteriormente, quando o fenômeno se firmou como prática não provisória, o modelo socialdemocrata sujeitou o voluntariado a leis e à política, passando a ser entendido como um instrumento das políticas públicas do governo que, em troca da concessão de subsídios, deve aceitar seu caráter instrumental (Carballal, 2009; Garcia Roca, 2001).

Sem a pretensão de reduzir ou expandir totalmente o dever do Estado, a nova esquerda surge como um modelo que propõe a sua reconstrução. Assim, propõe recuperar os atores sociais em uma sociedade participativa excluídos no modelo socialdemocrata e apenas

reduzir o Estado como efeito dos vínculos sociais e da solidariedade em contrapartida à total ausência deste nas questões sociais. O voluntariado, aqui, busca um equilíbrio e a descoberta de novos atores que superem o dualismo Estado-Mercado, bem como se opõe a transformar-se num simples gerador de empregos e desnaturalizar seus ideais e valores solidários (García Roca, 2001).

Na sociedade atual, portanto, o voluntariado pode ser entendido como mais do que um recurso para preencher as lacunas deixadas pelo Estado. Os governos e sociedades civis, cada vez mais, o percebem como uma forma complementar do trabalho profissional e da atuação das instituições, um recurso importante para a vida social e um espaço próprio de exercício de cidadania. Pode-se, então, assumi-lo como uma das forças de transformação social e como meio de participação cívica dos cidadãos (Gomes, 2009).

Em consonância com a importância dos voluntários no processo de desenvolvimento dos países, o governo nacional brasileiro lançou, em 2017, o Programa Nacional do Voluntariado - Viva Voluntário. Este visa incentivar a prática a nível individual e organizacional e encorajar a participação dos cidadãos em ações que busquem transformar a sociedade. Prevê medidas como o uso de horas de atividade voluntária como critério para o desempate em concursos públicos ou em processos de promoção, e a formação de parcerias com empresas privadas horas de voluntariado se convertam em descontos na compras de produtos e em eventos culturais (Decreto nº 9,149 de 28 de agosto de 2017).

A ONU, ao apoiar as práticas voluntárias, reforçou a expansão de esforços individuais para combater os problemas sociais gerados de forma sistêmica. O crescimento deste tipo de atividade foi tamanho que, em 1990, a *International Association for volunteer Effort* (IAVE) teve a iniciativa de estabelecer alguns princípios de ações através da Declaração Universal do Voluntariado (IAVE, 1990). Este documento afirma que a decisão voluntária está apoiada em motivações pessoais cujo objetivo principal é participar na vida da comunidade tendo em vista a melhora da qualidade de vida e a busca de um mundo mais justo e menos violento. Sugere, ainda, formas como este objetivo pode ser alcançado.

Neste trabalho discorda-se da ideia de que o voluntariado deve existir apenas para preencher as lacunas deixadas pelo Estado. Entende-se que é uma forma das pessoas exercerem sua cidadania e demonstrarem seu engajamento com a sociedade da qual fazem parte. Portanto, concorda-se que o voluntariado é um espaço onde a sociedade expressa o seu anseio pela mudança social (Gomes, 2009) e se reconhece que ele parte de motivações pessoais. Pretende-se, portanto, compreender como estas distintas motivações se relacionam com o bem-estar dos voluntários e, dessa forma, contribuir para que as instituições que

contam com sua colaboração possam aprimorar suas abordagens para o recrutamento e a manutenção dos mesmos.

Motivações para o voluntariado

Diversas teorias motivacionais têm sido exploradas, pois este é um dos temas que mais recebe atenção dos pesquisadores na área de voluntariado (Wilson, 2012). A Teoria da Autodeterminação (Ryan & Deci, 2000), por exemplo, propõe que as pessoas possuem motivações intrínsecas e extrínsecas para buscar satisfazer suas necessidades de competência, autonomia e relacionais. As motivações intrínsecas se referem ao desejo natural dos indivíduos de assimilar, controlar, explorar e interessar-se espontaneamente pelo mundo. E as extrínsecas estão relacionadas a quando se realiza alguma atividade para obter algum resultado específico com ela, e não apenas pelo prazer de praticá-la (Ryan & Deci, 2000).

A Teoria da Autodeterminação não foi desenvolvida especificamente para o contexto do voluntariado. Entretanto, pode ser aplicada a ele por se tratar de uma teoria das motivações humanas em geral (ver Bidee, Vantilborgh, Pepermans, Huybrechts, Willems, Jegers, & Hofmans, 2013; Kowk, Chui, & Wong, 2013).

A Teoria Funcionalista (Clary et al., 1998), por sua vez, foi desenvolvida para explicar especificamente as motivações das pessoas para se engajarem em trabalho voluntário. Postula que os atos de voluntariado podem parecer iguais superficialmente e estar a serviço de distintas funções psicológicas.

Os autores da Teoria Funcionalista identificaram seis principais funções que as pessoas esperam que o voluntariado cumpra quando decidem se engajar neste tipo de atividade. Perceber o voluntariado como uma oportunidade de expressar valores altruístas e humanitários, de estar com outras pessoas e de exercer atividades valorizadas por pessoas importantes para si, de vivenciar novas experiências de aprendizado e colocar em prática habilidades e conhecimentos que de outra forma não seriam exercitados, de manter um estado de ânimo positivo e alta autoestima, de aliviar a culpa por sentir-se mais afortunado que os outros e buscar resolver os próprios problemas, e de desenvolver habilidades importantes para a carreira profissional (Clary et al., 1998).

Esta perspectiva culminou no desenvolvimento do Inventário de Funções do Voluntariado (IFV), instrumento de 30 itens que denominou as seis funções *valores, social, entendimento, engrandecimento, proteção do eu e carreira*, respectivamente (Clary et al., 1998). E este instrumento tem sido amplamente adotado nos estudos sobre motivações de voluntários em psicologia social (Pilati & Hees, 2011). Sua difusão pode ser explicada por

sua boa fundamentação teórica, por suas boas propriedades psicométricas e, também, pelo fato de que foi traduzido para vários idiomas (Chacón, Gutiérrez, Sauto, Vecina, & Perez, 2017).

Chacón et al. (2014) realizaram um estudo de revisão sobre o uso deste instrumento e observaram que, além da estrutura original de seis fatores, o instrumento também apresentou quatro, cinco e sete fatores. Em estudos de adaptação, especificamente, o instrumento apresentou quatro fatores quando foi adaptado para português e italiano.

Embora a Teoria da Autodeterminação e a Teoria Funcionalista sejam distintas, elas são compatíveis. Kowk et al. (2013) encontraram uma estrutura de dois fatores no IFV, e observaram que um deles contemplou apenas itens da função valores e o outro incluiu as motivações mais autocentradas. A estes fatores consideraram como motivações intrínsecas e extrínsecas, respectivamente.

Bem-estar

Tradicionalmente as pesquisas sobre bem-estar abordam a temática sob duas perspectivas, a hedônica e a eudemônica. Sob os nomes de bem-estar subjetivo e psicológico, respectivamente, abarcam a grande maioria dos estudos realizados sobre este assunto (Ryan & Deci, 2001). Keyes (1998) foi quem incluiu também aspectos psicossociais, avançando para o que chamou de bem-estar social. Mais recentemente foi integrado a estes conceitos o bem-estar sociocomunitário, gerando uma estrutura multidimensional do bem-estar (Sarriera, 2015).

O bem-estar subjetivo enfatiza aspectos hedônicos, como a busca pela felicidade e por uma vida agradável (Diener, 1984). Diz respeito a experienciar a vida positivamente, também sendo considerado a avaliação subjetiva da qualidade de vida (Giacomoni, 2004). Apresenta um componente cognitivo e um emocional. Cognitivamente, avalia os julgamentos globais de satisfação com a vida ou com domínios específicos dela, e emocionalmente se refere aos afetos positivos e negativos (Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999).

Busseri (2015) testou empiricamente quatro modelos estruturais com distintas relações entre os componentes do bem-estar subjetivo. Dois destes modelos mostraram-se mais adequados. Um deles conceitua o bem-estar subjetivo como um construto hierárquico em que a satisfação com a vida, os afetos positivos e negativos são indicadores de primeira ordem de um fator latente de ordem superior. Nesta perspectiva é necessário que medidas de todos os componentes sejam utilizadas nas pesquisas para que a medida seja mais acurada.

O outro modelo propõe uma relação causal em que os afetos positivos e negativos influenciam a satisfação com a vida. Nesta abordagem o bem-estar subjetivo reúne os efeitos diretos e indiretos sofridos de outras variáveis sobre a satisfação com a vida (Busseri, 2015).

O bem-estar psicológico dá ênfase aos aspectos eudemônicos e se refere ao desenvolvimento pessoal, formas de enfrentamento e esforços para atingir metas pessoais (Blanco & Díaz, 2005). Originalmente conceituado por Ryff (1989), foi reformulado e reorganizado por Ryff e Keyes (1995), resultando num modelo com seis dimensões. São elas: autonomia, propósito de vida, autoaceitação, relações positivas com os outros, domínio ambiental e crescimento pessoal.

A autonomia se refere ao senso de autodeterminação, enquanto a autoaceitação à avaliação positiva de si mesmo e do próprio passado. O propósito de vida diz respeito a acreditar que a vida é intencional e significativa, e as relações positivas com os outros a construir vínculos de qualidade. O domínio ambiental está relacionado à capacidade de manejar a própria vida de seu contexto. Por fim, crescimento pessoal se refere ao senso de crescimento e desenvolvimento contínuos como pessoa (Ryff & Keyes, 1995).

Embora a diferenciação teórica entre bem-estar subjetivo e psicológico pareça clara, dados empíricos também sugerem que ambos podem ser entendidos como duas abordagens diferentes de um mesmo aspecto, e não construtos diferentes. O estudo de Chen, Jing, Hayes, e Lee (2013) demonstra que se o bem-estar é testado em um nível geral, os dois construtos apresentam mais semelhanças do que diferenças. Entretanto, se são examinados os componentes específicos de bem-estar psicológico e do subjetivo, ambos apresentam um poder explicativo individual aceitável.

O bem-estar social é entendido como a avaliação que os sujeitos fazem sobre as circunstâncias e seu funcionamento na sociedade. Keyes (1998) desenvolveu um modelo que contempla cinco dimensões: integração social, aceitação social, contribuição social, atualização social e coerência social.

O autor explica que a integração social é entendida como a avaliação da qualidade da relação do indivíduo com a sociedade e com a comunidade. Sentir-se integrado significa ter algo em comum com outras pessoas que constituem a realidade social e sentir-se pertencente a uma comunidade. A aceitação social envolve a construção de significado da sociedade a partir do caráter e qualidades das outras pessoas. Indica que o indivíduo confia nos outros, considera que são capazes de ser bons e diligentes. A contribuição social, por sua vez, se refere à avaliação do indivíduo sobre seu valor social, quanto ele acredita que é um membro importante da sociedade e tem algo de valor a contribuir. A atualização social está

relacionada à avaliação do potencial e da trajetória da sociedade, a quanto o indivíduo acredita que a sociedade tem potencial para evoluir. E, finalmente, a coerência social é definida como a percepção da qualidade, organização e funcionamento do mundo social pelo indivíduo (Keyes, 1998).

O bem-estar sociocomunitário, por sua vez, sofre a influência de diferentes âmbitos da vida, estando, assim, sujeito à interação sujeito-contexto. Entre os aspectos estudados até o momento, quatro se mostraram relevantes. A percepção das condições materiais, a pobreza, as condições ambientais, e o sentimento de pertencer a uma comunidade (Sarriera, 2015).

Este último, especialmente, tem sido estudado a partir do conceito de senso de comunidade. Entendido como a experiência de sentir-se parte importante de um grupo que compartilha valores semelhantes, apresenta quatro elementos: estatuto de membro, ligações emocionais, influência, e integração e satisfação das necessidades (Chavis, Hogge, MacMillan, & Wandersman, 1986).

O estatuto de membro depende dos limites, da segurança emocional, do sentimento de pertencimento e do investimento pessoal, que juntos determinam quem faz ou não parte do grupo. As ligações emocionais são o componente afetivo do senso de comunidade, e são desenvolvidas à medida que os membros interagem de maneira positiva e compartilham momentos significativos. Já a influência apresenta quatro características: os membros se sentem atraídos por comunidades onde podem exercer poder; a influência da comunidade para que os membros se adaptem a ela; a pressão pela conformidade e unidade provém da necessidade de validação consensual dos indivíduos e da comunidade; e a interinfluência entre indivíduo e comunidade ocorre simultaneamente. A integração e satisfação das necessidades se refere à comunidade se organizar de forma que as pessoas podem satisfazer suas próprias necessidades enquanto satisfazem as dos outros (Chavis et al., 1986).

Muitos estudos têm relacionado diversos aspectos do bem-estar ao voluntariado. Mellor et al. (2009), por exemplo, desenvolveram um estudo com a população adulta na Austrália e descobriram que realizar trabalho voluntário é um preditor de bem-estar pessoal e comunitário. Outro estudo longitudinal com a população adulta americana identificou que estar envolvido em atividades voluntárias se relacionava positivamente com o bem-estar social e eudemônico (Son & Wilson, 2012).

Alguns estudiosos têm se dedicado a verificar a direção em que se estabelece esta relação e identificaram um círculo virtuoso. Os resultados revelaram uma reciprocidade entre o bem-estar e a participação em atividades voluntárias (Diener, Kesebir, & Lucas, 2008; Meier & Stutzer, 2008; Son & Wilson, 2012; Thoits & Hewitt, 2001). Ou seja, pessoas que

realizam trabalho voluntário apresentam maiores níveis bem-estar e sujeitos que experimentam mais bem-estar se envolvem mais com o voluntariado.

A dimensão sociocomunitária do bem-estar foi relacionada ao voluntariado por Pozzi et al. (2014), através de uma pesquisa com idosos italianos voluntários em associações. Seus resultados revelaram que o senso de comunidade é preditor de motivação para o voluntariado e de generatividade. Estes, por sua vez, são preditores do bem-estar psicológico.

Um estudo com estudantes universitários realizado no México indicou uma correlação positiva entre bem-estar social e trabalho voluntário. Análises mais sofisticadas, entretanto, revelaram que esta relação não é linear, mas sim mediada e potencializada pelo altruísmo (Rodríguez, Sánchez, & Arocena, 2013).

Justificativa e objetivos

Um dos temas mais explorados sobre o voluntariado diz respeito às motivações que os indivíduos podem apresentar para realizarem trabalho voluntário (ver Ferreira, Proença, & Proença, 2008; Chacón, Pérez, Flores, & Vecina, 2010; Lemos, 2016). Aspectos culturais tem se mostrado relevante na identificação de significados e manifestações do fenômeno em diferentes culturas (Levine, Norenzayan, & Philbrick, 2001). É o caso, por exemplo, da orientação individualista ou coletivista da cultura, o nível de renda do país e até mesmo as condições climáticas (Van de Vliert, Huang, & Levine, 2004; Snyder & Omoto, 2008).

O modelo de Clary et al. (1998), um dos mais difundidos mundialmente nas pesquisas sobre a motivação para o voluntariado, apresenta originalmente seis dimensões. No estudo de adaptação para o Brasil, entretanto, o modelo apresentou apenas quatro fatores (Pilati e Hees, 2011). Diferenças na estrutura do modelo também foram encontradas na China (Wu, Wing Lo & Liu, 2009) e Itália (Marta, Guglielmetti & Pozzi, 2006), evidenciando a relevância das diferenças culturais.

Outras pesquisas sobre o tema tem revelado uma relação positiva entre o envolvimento na prática de voluntariado e o bem-estar e a qualidade de vida (Binder & Freytag, 2013; Morrow-Howell, Hinterlong, Rozario, & Tang, 2003; Souza, Lautert, & Hilleshein, 2011). O altruísmo, apontado como mediador da relação entre o voluntariado e o bem-estar (Rodríguez, Sánchez, & Arocena, 2013) desperta o interesse para a influência de diferentes motivações sobre o bem-estar.

Na literatura internacional foram encontradas associações positivas entre o bem-estar e a expressão de valores, a busca por conhecimento sobre o mundo e as próprias habilidades, o desejo de desenvolver-se psicologicamente, e a oportunidade de estar com

amigos e de exercer atividades valorizadas (Monteiro, Gonçalves, & Pereira, 2013; Stukas, Hoye, Nicholson, Brown, & Aisbett, 2016). Trata-se, entretanto, de um tema menos explorado dentro das pesquisas e que pode ser relevante para a gestão dos voluntários nas instituições.

Saber como as motivações se relacionam com o bem-estar permite às instituições buscar estratégias para conciliar seus objetivos com os dos voluntários para, então, tentar mantê-los na atividade por mais tempo (Cabrera-Darias & Marrero-Quevedo, 2015). Assim, se torna relevante investigar como se dá essa relação, especialmente no Brasil, onde não foram encontrados estudos sobre o tema.

Portanto, este trabalho tem como objetivo geral investigar a relação que se estabelece entre as motivações para o voluntariado e o bem-estar em voluntários. Os objetivos específicos são: 1) realizar um levantamento sistematizado da literatura produzida sobre a relação entre motivações e bem-estar de voluntários; e 2) analisar a relação entre motivações para o voluntariado e o bem-estar multidimensional em voluntários brasileiros.

CAPÍTULO II: MOTIVAÇÃO E BEM-ESTAR DE PARTICIPANTES EM AÇÕES DE VOLUNTARIADO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

INTRODUÇÃO

A prática do voluntariado remete a tempos bastante remotos, mas a pesquisa científica sobre ele é muito mais recente. Nas duas últimas décadas houve um aumento significativo na quantidade de estudos publicados sobre o tema (Dias & Palassi, 2007). O ano de 2001 foi declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o ano do voluntariado e, provavelmente não por coincidência, desde então o interesse científico sobre o tema cresceu. Numa pesquisa rápida pelo termo “*volunteerism*” no Portal de Periódicos da CAPES, observou-se que o número de artigos publicados na década do voluntariado (2001-2011) foi três vezes maior do que o publicado até o ano 2000.

No que se refere aos temas de pesquisa, o interesse evoluiu do porquê as pessoas se dispunham a ajudar alguém e permaneciam ajudando por um período de tempo (Omoto & Snyder, 1995), até os benefícios que tal prática traz aos voluntários (Meier & Stutzer, 2008; Plagnol & Huppert, 2009). Contudo, os estudos focam, principalmente, o perfil dos voluntários e suas motivações (Wilson, 2012).

Existem diferentes modelos motivacionais desenvolvidos ou aplicados ao voluntariado. Alguns classificam as motivações em duas dimensões, como, pressão e prazer (Gebauer, Riketta, Broemer, & Maio, 2008), intrínseca e extrínseca (Kwok, Chui, & Wong, 2013). Estes consideram motivações intrínsecas aquelas que expressam valores pessoais inerentes ao comportamento de voluntariado, e extrínsecas as que se referem a qualquer fim externo ao indivíduo. Aqueles, por sua vez, denominam motivação pró-social baseada no prazer a que está relacionada a representações ideais de si, atribuições pessoais que a pessoa idealiza ter, e motivação pró-social baseada na pressão a que se refere a representações de deveres que a pessoa acredita ter.

Outros optam por categorizar as motivações conforme o seu tema. Neste caso, encontram-se, por exemplo, os modelos de Clary et al. (1998), o mais difundido mundialmente, e o de Ferreira, Proença e Proença (2008). No primeiro os motivos que levam alguém ao voluntariado estão relacionados às funções psicológicas que esta atividade terá na vida do indivíduo. Assim, as pessoas se tornam voluntárias para expressar seus valores, para desenvolver habilidades relevantes para sua carreira, para proteger o próprio *self* de sentimentos de culpa, para engrandecimento pessoal, para aprimorar seus conhecimentos e se

desenvolver pessoalmente, e para socializar com outras pessoas. Com temas semelhantes, porém nomenclaturas distintas, o segundo modelo classifica as motivações em altruísmo, pertença, ego e reconhecimento social, aprendizagem e desenvolvimento.

Mais recentemente, outro aspecto relacionado ao voluntariado que tem recebido atenção de pesquisadores diz respeito aos resultados e benefícios percebidos por pessoas que estão engajadas nestas práticas. Já existe uma quantidade expressiva de estudos que sugerem que a participação formal em atividades voluntárias está associada a melhor saúde física e mental (Hong & Morrow-Howell, 2010; Souza, Lautert, & Hilleshein, 2011).

De uma perspectiva psicossocial, há também um interesse dos pesquisadores em estudar as vantagens de ser voluntário. Neste sentido, as investigações buscam relacionar o engajamento em tais atividades com o bem-estar em suas múltiplas dimensões. O bem-estar subjetivo, por exemplo, já foi associado positivamente à prática do voluntariado em estudos longitudinais (Binder & Freytag, 2013; Müller, Ziegelmann, Simonson, Tesch-Römer, & Huxhold, 2014) e transversais (Greenfield & Marks, 2004; Mellor et al., 2009; VanWilligen, 2000).

O bem-estar psicológico também já se mostrou relacionado ao voluntariado. Entende-se que voluntários tendem a apresentar mais propósito de vida (Greenfield & Marks, 2004) e desejo de crescer (Mundaca & Gutiérrez, 2014), por exemplo. Nos aspectos sociais, sabe-se que o voluntariado pode trazer diversos benefícios à socialização e à relação com o ambiente comunitário (Mellor et al., 2009).

Considerando a relevância das motivações e do bem-estar no âmbito das pesquisas sobre o voluntariado, e sua importância para a gestão das organizações no que se refere, principalmente, ao recrutamento e retenção de voluntários, este estudo tem como objetivo sintetizar o que a literatura reportou sobre a relação entre estes dois aspectos.

MÉTODO

Este é um estudo de revisão sistemática, útil para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados sobre determinado tema através de métodos sistematizados de busca, síntese da informação selecionada e análise crítica da mesma (Sampaio & Mancini, 2007). Os procedimentos adotados seguiram as orientações do protocolo *PRISMA* (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), que sugere quatro etapas: Identificação, Seleção, Elegibilidade e Inclusão (Liberati et al., 2009)

Para a Identificação dos estudos foram consultadas as bases de dados PsycInfo, *Web of Science*, Scopus, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), e Index Psi, no período entre 20 de março e 5 de abril de 2017. A pesquisa foi realizada combinando termos de três grupos. No primeiro foram incluídos os referentes à motivação para o voluntariado: “motivação”, “motivos” e “funções”; no segundo, foram incluídos os termos “bem-estar subjetivo”, “bem-estar psicológico”, “bem-estar social” e “senso de comunidade”; e no terceiro, os que se referiam à população pesquisada: “voluntariado”, “voluntários” e “trabalho voluntário”. A busca, conforme ilustra a Figura 1, foi feita combinando um termo de cada grupo e resultou num total de 456 artigos.

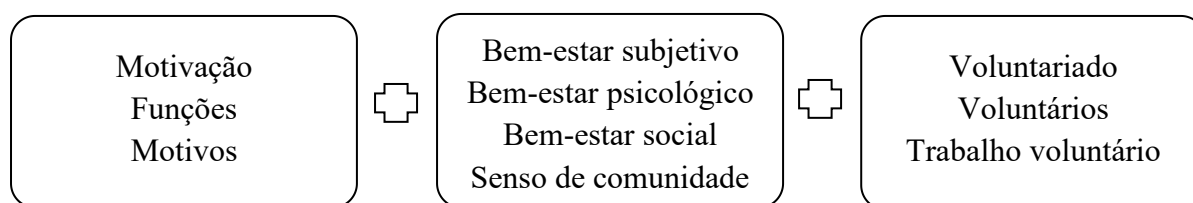


Figura 1. Combinação dos termos para busca nas bases de dados.

Na etapa de Seleção, inicialmente foram descartados 256 artigos duplicados. Os 200 artigos restantes foram selecionados pelo título ($n = 61$) e, na sequência, pelo resumo. Neste procedimento, foram incluídos os artigos que contemplaram os seguintes critérios de inclusão: 1) artigos empíricos; 2) publicados nos últimos 10 anos; 4) em português, inglês ou espanhol, totalizando 31 estudos.

Em seguida, na etapa de elegibilidade, após a leitura dos textos completos foram excluídos 2 artigos. Um deles por não pesquisar voluntários formais, mas sim pessoas que realizam atividades não remuneradas como realizar tarefas domésticas e cuidar de familiares enfermos; o outro, por não abordar a motivação para o voluntariado, apenas o fato de realizar ou não trabalho voluntário. Desta forma, na etapa de inclusão restaram 29 artigos para serem analisados, conforme pode-se observar na Figura 2.

RESULTADOS

Inicialmente os artigos foram analisados segundo suas características (Tabela 1). Em seguida, foram considerados os tipos de motivação e a definição de bem-estar (Tabelas 2 e 3), separadamente entre os estudos qualitativos e quantitativos. Por fim, os estudos quantitativos foram analisados segundo a relação entre motivação e bem-estar (Tabela 4).

Características do Estudo

Dos 29 artigos, 8 não especificaram o tipo de atividade realizado pelas instituições. Os demais incluíam atividades de cuidado em saúde (5), emergências e assistência humanitária (1), sociais (8) e preservação ambiental (7).

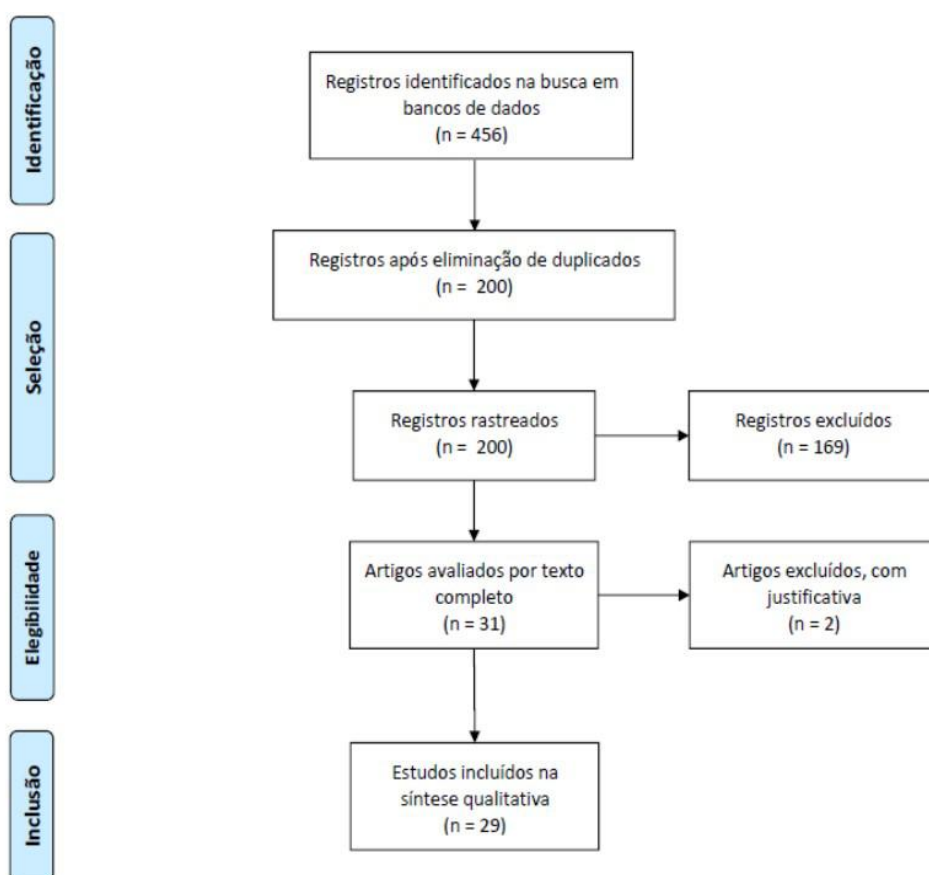


Figura 2. Fluxograma da seleção de artigos conforme protocolo PRISMA.

A maioria relatou estudos quantitativos transversais (14), seguidos por 10 qualitativos transversais. Ainda, três estudos realizaram pesquisa quantitativa longitudinal, e apenas dois utilizaram método misto transversal. Os estudos longitudinais realizaram uma ou duas medidas de *follow up*, durante períodos que variaram de dois meses até 16 anos após a primeira medida.

Tabela 1
Características dos estudos

Nº	Autores	Ano	Tipo de voluntariado	Objetivos	Delineamento
1	Cabrera-Darias & Marrero-Quevedo	2015	NC	Analisar as relações entre as motivações para participar em atividades de voluntariado, traços de personalidade e bem-estar subjetivo.	Quantitativo transversal
2	Currie, Lackova, & Dinnie	2016	Preservação ambiental	Compreender o papel do gênero no engajamento em espaços de natureza no contexto do voluntariado.	Qualitativo transversal
3	Dennis, Scanlon, & Sellon	2017	Social	Explorar as motivações, benefícios e desafios de voluntários nas colheitas em fazendas.	Qualitativo transversal
4	Ferrari, Luhrs, & Lyman	2007	Saúde	Comparar as motivações, o senso de comunidade, o estresse e a satisfação de cuidadores de idosos voluntários e contratados.	Quantitativo transversal
5	Gebauer, Riketta, Broemer, & Maio	2008	NC	Investigar a relação divergente entre duas motivações prosociais e o bem-estar subjetivo.	Quantitativo transversal
6	Goth & Småland	2014	Social	Examinar o efeito do voluntariado sobre o bem-estar de adultos (mais velhos - aposentados).	Qualitativo transversal
7	Ho, You, & Fung	2012	NC	Examinar se a idade é moderadora das associações entre as motivações para o voluntariado e o bem-estar físico e psicológico em voluntários.	Quantitativo transversal
8	Hobbs & White	2015	Preservação ambiental	Avaliar os resultados sociais de projeto participativo de conservação ambiental.	Qualitativo transversal
9	Hyde, Dunn, Wust, Bax, & Chambers	2016	Social	Explorar os determinantes da satisfação, comprometimento organizacional e intenção de futuras ações de voluntários de eventos esportivos beneficentes.	Quantitativo transversal
10	Jack, Kirton, Birakurataki, & Merriman	2011	Saúde	Avaliar a motivação para o voluntariado e o impacto pessoal de ser um voluntário de cuidados paliativos.	Qualitativo transversal
11	Konrath, Fuhrel-Forbis, Lou, & Brown	2012	NC	Examinar os efeitos dos motivos para o voluntariado sobre o risco de mortalidade.	Quantitativo longitudinal

12	Kulik, Bar, & Dolev	2016	Social	Examinar as diferenças de gênero nas experiências de voluntários em emergências.	Quantitativo transversal
13	Kumnig, Schnitzer, Beck, Mitmansgruber, Jowsey, Kopp, & Rumpold	2014	Social	Investigar o impacto de motivações de aproximação e evitação no bem-estar psicológico, satisfação com a vida e afetividade nos voluntários de evento esportivo de atletas com deficiência.	Quantitativo transversal
14	Kwok, Chui, & Wong	2013	NC	Testar um modelo de mediação que explica as relações entre motivação do voluntário, satisfação de necessidades através do voluntariado e satisfação com a vida.	Quantitativo transversal
15	Law & Shek	2009	NC	Explorar a relação entre propósito de vida, crenças, intenções e comportamentos de voluntários.	Quantitativo transversal
16	MacKenzie, Baadjies, & Seedat	2015	Preservação ambiental	Compreender a estrutura subjacente e a essência da experiência do voluntariado.	Qualitativo transversal
17	O'Brien, Burls, Townsend, & Ebden	2011	Preservação ambiental	Explorar o papel do contato ativo com o ambiente através de um programa de voluntariado ambiental.	Qualitativo transversal
18	Ohmer, Meadowcroft, Freed, & Lewis	2009	Preservação ambiental	Examinar as motivações dos voluntários e os benefícios individuais, sociais e comunitários de um programa de voluntariado em jardinagem.	Qualitativo e quantitativo transversais
19	Omoto & Packard	2016	2 estudos: NC e preservação ambiental	Explorar a contribuição do senso de comunidade como preditor de voluntariado e ativismo.	Quantitativo longitudinal
20	Pi, Lin, Chen, Chiu, & Chen	2014	Social	Examinar as relações entre motivações para o voluntariado, lazer sério e bem-estar subjetivo de voluntários.	Quantitativo transversal
21	Pozzi, Marta, Marzanaa, Gozzoli, & Ruggieri	2014	NC	Estudar os efeitos do voluntariado e de estar conectado com a comunidade sobre o bem-estar.	Quantitativo transversal
22	St-Louis, Carbonneau, & Vallerand	2016	Emergências e assistência humanitária	Observar as mudanças na saúde física e bem-estar subjetivo ao longo do tempo em função da paixão por uma causa.	Quantitativo longitudinal

23	Stukas, Hoye, Nicholson, Brown, & Aisbett	2016	NC	Investigar se voluntários com motivações orientadas para o outro se beneficiam mais com o voluntariado do que os com motivações orientadas para si mesmos.	Quantitativo transversal
24	Taghian, D'Souza, & Polonsky	2012	Saúde	Compreender as questões relacionadas às motivações para se voluntariar e as áreas consideradas relevantes para as pessoas adultas maduras; e identificar se os fatores motivacionais para o voluntariado estão associados à qualidade de vida subjetiva.	Qualitativo e quantitativo transversais
25	Townsend, Gibbs, Macfarlane, Block, Staiger, Gold, Johnson, & Long	2014	Social	Avaliar um programa de culinária e jardinagem em escolas públicas.	Qualitativo transversal
26	Vareilles, Marchal, Kane, Petrič, Pictet, & Pommier	2015	Saúde	Compreender como, porquê e em que circunstâncias uma intervenção de capacitação da Cruz Vermelha influencia a motivação e a performance de agentes comunitários de saúde voluntários na implementação de um programa de imunização.	Qualitativo transversal
27	Vecina & Chacón	2013	Social e ambiental	Verificar a relação entre motivações baseadas em obter prazer ou cumprir uma obrigação e bem-estar subjetivo e psicológico, engajamento, satisfação e prazer com o voluntariado.	Quantitativo transversal
28	Veerasamy, Sambasivan, & Kumar	2015	Saúde	Analisar o papel de traços de personalidade, motivos para o voluntariado e capital espiritual como antecedentes de qualidade de vida entre voluntários.	Quantitativo transversal
29	Yuen	2013	Social	Explorar as motivações e experiências de voluntários na criação e construção de um centro comunitário e residência assistencial para imigrantes.	Qualitativo transversal

NC = não consta

Entre os estudos qualitativos, os objetivos se concentraram principalmente em conhecer as motivações e os benefícios percebidos pelos voluntários (3, 10, 18, 24 e 29). Três artigos se preocuparam em apresentar os benefícios de programas específicos de voluntariado,

relatando além dos aspectos pessoais dos voluntários, os efeitos sociais do trabalho percebidos por eles (8, 25 e 26). Além disso, dois trabalhos buscaram entender o papel de fatores específicos no voluntariado (2 e 17), um empenhou-se em conhecer o efeito da atividade sobre o bem-estar dos voluntários (6), e outro, ainda, visou compreender a experiência do voluntariado de forma geral (16).

Os trabalhos quantitativos, por sua vez, se ocuparam majoritariamente de investigar a relação entre diversas variáveis, como medidas de bem-estar, motivações para o voluntariado e outros determinantes de engajamento e satisfação (1, 5, 9, 11, 13, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27 e 28). Dois artigos avançaram neste sentido e buscaram compreender o papel mediador (14) e moderador (7) de outros aspectos na relação entre as motivações e o bem-estar de voluntários. Finalmente, dois estudos buscaram comparar as motivações e o bem-estar entre diferentes grupos (4 e 12).

Tipos de motivações e bem-estar

Uma diferença a destacar nos dados apresentados a partir daqui entre os trabalhos qualitativos e quantitativos se refere às motivações e benefícios percebidos, uns são apresentados como resultados das análises do conteúdo coletado e outros são definidos a priori para, depois, serem analisados. Por isso, a partir deste ponto os artigos qualitativos e quantitativos serão analisados separadamente.

No artigo 18 os dados coletados qualitativamente não foram analisados separadamente, foram usados como exemplos dos resultados quantitativos. No artigo 24 a parte qualitativa do estudo deu origem a um instrumento sobre motivação utilizado na etapa quantitativa. Por este motivo, a partir daqui, ambos serão analisados apenas como quantitativos.

Tabela 2

Motivações e benefícios percebidos pelos participantes nos estudos qualitativos

Nº	Motivações	Benefícios
2	Realizar atividade física para melhorar a saúde; desenvolvimento de habilidades para carreira; oportunidade de socialização; sentimento de pertencimento ligado à natureza.	Aumento da autoconfiança; senso de pertencimento e posse; fortalecimento da identidade local.

3	Convicções religiosas; formação de novos vínculos comunitários; impacto pragmático da atividade no combate à fome.	Sentir-se bem pelo impacto causado pela atividade realizada; sentir-se parte da natureza e realizar atividades físicas; senso de reciprocidade e ajuda mútua.
6	Relacionamento pessoal com o navio ou região; interação social; experiência de empoderamento.	Sentir-se valorizado; boa saúde física; empoderamento e maior autoestima; aumento da coesão social e identidade comunitária.
8	Interesse pela atividade; aprendizado sobre a espécie de animais preservada; interação social.	Benefícios pessoais (emoções positivas, aprendizados, socialização, preparo físico); aumento no engajamento com a natureza; benefícios comunitários (conscientização sobre a causa).
10	Desejo de cuidar os que sofrem; experiências pessoais prévias.	Orgulho de ser voluntário; obter status e respeito na comunidade.
16	Interação social; senso de responsabilidade social; acesso a recursos materiais; desenvolvimento de habilidades para a carreira; efeito social do trabalho.	Alegria pelo trabalho; promoção de saúde e segurança.
17	Desenvolver habilidades sociais e para carreira; interação social.	Melhora e aumento dos vínculos sociais; aquisição de habilidades sociais e para a carreira; aumento da autoestima.
25	Apoio ao programa/preocupação com a dieta dos alunos; apoio à escola e à causa; oportunidade de usar as habilidades; oportunidade de obter benefícios.	Sentir-se valorizado; senso de pertencimento; desenvolvimento de habilidades; mudanças de atitude e confiança.
26	Necessidade de autonomia, competência e conexão; vontade de ajudar as pessoas; oportunidade de desenvolver habilidades e encontrar emprego.	Sentimentos de autoeficácia, segurança, pertencimento e intimidade com outras pessoas; apego à instituição; sentimentos de disposição, posse e engajamento nas atividades.
29	Relações sociais próximas; contribuir para a comunidade.	Fortalecimento da identidade comunitária

Entre os trabalhos qualitativos, observa-se que a motivação mais comum se refere à socialização e ao fortalecimento de vínculos (2, 3, 6, 8, 16, 17, 26 e 29). Na sequência aparecem as relacionadas a princípios pessoais, como convicções religiosas (3), desejo de fazer ajudar o outro (10, 26 e 29), senso de responsabilidade social (16) e preocupação com uma causa específica (25). Também aparecem as motivações ligadas ao desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e oportunidades para carreira (2, 8, 16, 17, 25 e 26). Outra motivação ressaltada nestes artigos está relacionada à possibilidade de ver os resultados da atividade realizada, ou seja, perceber o impacto social do trabalho (3 e 16). Ainda são

mencionados o histórico pessoal dos voluntários (6 e 10) e o sentimento de empoderamento (6), competência e autonomia (26). Finalmente, os motivos menos comuns que levam os indivíduos a se engajarem no voluntariado se referem a cuidado com a saúde e conexão com a natureza (2).

No que se refere aos benefícios obtidos pelo voluntariado, destacaram-se os relacionados aos sentimentos de empoderamento e autoconfiança (2, 6, 17, 25 e 16), e outras emoções positivas vivenciadas nas atividades (3, 8, 16 e 26). Além disso, os ganhos percebidos nos vínculos sociais (3, 6, 8, 17 e 26), nos sentimentos de pertencimento (2, 25 e 26) e valorização (6, 10 e 25) também foram expressivos. Foram salientados, também, as vantagens para a saúde (3, 6, 8 e 16), o fortalecimento da identidade comunitária (2, 6 e 29), o desenvolvimento de habilidades (17 e 25) e o aprofundamento da conexão com a natureza (3 e 8). O benefício menos mencionado nos artigos foi a maior conscientização sobre a causa (8).

Tabela 3

Motivações e bem-estar nos estudos quantitativos

Nº	Motivações	Bem-Estar
1	Influência de um conhecido; familiar voluntário; conhecido voluntário; pedido da organização; sentimento de paz; obrigação moral; diversão; convicção religiosa; dispor de tempo; aposentadoria; conhecer melhor o tema; estudos afins; fazer algo útil; apoiar a organização; retribuir à sociedade; circunstância pessoal; realização pessoal; ajudar a outros; experiências vividas.	Bem-estar subjetivo (emoções positivas, emoções negativas, felicidade e satisfação com a vida).
4	Valores; social; carreira; engrandecimento; conhecimento; proteção.	Senso de comunidade (missão comum, responsabilidade recíproca, desarmonia).
5	Pressão; prazer.	Bem-estar subjetivo (afetos positivos, negativos e satisfação com a vida).
7	Valores; social; carreira; engrandecimento; conhecimento; proteção; fazer amigos.	Bem-estar psicológico (satisfação com a vida).
9	Socialização/prazer; celebrar/lembrar/lutar contra o câncer; benefícios; apoio financeiro à instituição; defesa da causa.	Senso psicológico de comunidade (conexão com a comunidade).

11	Valores; social; engrandecimento; conhecimento; proteção.	Saúde física e mental; risco de mortalidade.
12	Empoderamento pessoal; escape da realidade; solidariedade.	Bem-estar subjetivo (afetos positivos e negativos).
13	Valores; conhecimento; desenvolvimento pessoal; preocupação com a comunidade; estima; metas de aproximação; metas de evitação.	Bem-estar psicológico (autonomia, domínio sobre o ambiente, crescimento pessoal, relações positivas com os outros, propósito de vida, autoaceitação); bem-estar subjetivo (satisfação com a vida, afetos positivos e negativos).
14	Intrínseca; extrínseca.	Bem-estar subjetivo (satisfação com a vida).
15	Valores prosociais; conhecimento; socialização; bem-estar; planos para o futuro.	Bem-estar psicológico (propósito de vida).
18	Ajudar a embelezar a comunidade; apoiar a conservação da natureza; facilitar o engajamento comunitário; gostar de jardinagem; retribuir à comunidade; gostar de atividades em família.	Senso de comunidade (ambiente, vizinhos).
19	Empatia; autoestima; generatividade; senso de comunidade.	Senso psicológico de comunidade (conexão com a comunidade).
20	Necessidade de realização; relaxamento mental e físico; necessidades sociais; benefícios.	Bem-estar subjetivo (satisfação com a vida, afetos positivos).
21	Valores; social; carreira; engrandecimento; conhecimento; proteção.	Senso psicológico de comunidade (conexão com a comunidade); bem-estar psicológico (fadiga/inércia, vigor/atividade, tensão/ansiedade, depressão/tristeza, raiva/hostilidade, confusão/desorientação).
22	Paixão harmoniosa; paixão obsessiva.	Bem-estar subjetivo (satisfação com a vida).
23	Valores; social; carreira; engrandecimento; conhecimento; proteção.	Bem-estar subjetivo (satisfação com a vida).
24	Orientação para a comunidade; percepção do voluntariado; atitude positiva; autoestima	Qualidade de vida (bem-estar financeiro, saúde física, relações familiares, bem-estar mental e emocional).
27	Pressão; prazer.	Bem-estar subjetivo (satisfação com a vida, felicidade); bem-estar psicológico (autoaceitação, relações positivas, autonomia, domínio sobre o ambiente, propósito de vida, crescimento pessoal).
28	Valores; social; carreira; engrandecimento; conhecimento; proteção.	Bem-estar subjetivo (satisfação com a vida).

Os artigos quantitativos se valeram de diferentes instrumentos baseados em teorias motivacionais para estabelecer quais motivações considerariam em seus estudos. A que recebeu maior destaque foi a teoria funcionalista, através do instrumento Inventário de Funções do Voluntariado (Clary et al., 1998), que foi utilizada em seis trabalhos (4, 7, 11, 21, 23 e 28). Também foram utilizadas as teorias da autodeterminação, que classificou as motivações em intrínseca e extrínseca (14), da motivação baseada no prazer e na pressão (5 e 27) e o modelo dualístico da paixão (22).

Diversos trabalhos, entretanto, optaram por medir diferentes motivações sem classificá-las dentro de uma teoria específica. Assim, incluíram motivações previstas nos outros modelos, como valores (1, 12, 13 e 15), conhecimentos (13 e 15), socialização (1, 9, 15 e 20), prazer (1 e 15), e também outros aspectos, como características pessoais (1, 9, 12, 18, 19 e 24), orientação para a comunidade (1, 13, 18, 19, 24), busca por benefícios (9 e 20) e apoio à causa (9).

No que tange às definições de bem-estar, a maioria dos artigos se preocupou em avaliar o bem-estar subjetivo, seja em sua dimensão cognitiva (7, 14, 22, 23, 27 e 28), emocional (12), ou ambas (1, 5 e 20). Dois artigos avaliaram o bem-estar psicológico, um em suas seis dimensões (13) e outro apenas o propósito de vida (15). Cinco artigos estudaram o senso psicológico de comunidade (4, 9, 18, 19 e 21), e um se referiu à saúde física, mental e risco de mortalidade (11). Outro, ainda, denominou qualidade de vida a avaliação que fez sobre aspectos financeiros, saúde física, relações familiares, bem-estar mental e emocional (24).

Relação entre motivações e bem-estar

Os artigos qualitativos descreveram as motivações e os benefícios do voluntariado, mas não tiveram como objetivo estabelecer a relação entre eles. Esta etapa de análise foi realizada apenas nos estudos quantitativos e passa a ser apresentada a seguir.

Tabela 4

Análises estatísticas e resultados dos estudos quantitativos.

Nº	Análises	Principais resultados
1	ANOVA, regressão linear	Maior nível de felicidade entre os que receberam um pedido da organização; mais emoções negativas entre os que eram motivados por circunstâncias pessoais e experiências vividas. A satisfação com a vida foi predita por disciplina entre os voluntários que responderam ao questionário em lápis e papel, e pelo pedido da organização, baixa depressão e baixa sensibilidade aos demais entre os que responderam

		online; entre os voluntários online, as emoções positivas foram explicadas pela atividade, emocionalidade positiva e baixa ansiedade, enquanto as emoções negativas foram explicadas pela depressão, ansiedade e pelo motivo de circunstâncias pessoais.
4	Regressão linear	Responsabilidade recíproca foi preditora de satisfação do cuidador; motivos relacionados a carreira, baixa autoestima e proteção do eu foram preditores de estresse do cuidador.
5	Regressão linear	Motivos baseados no prazer se relacionaram positivamente com autoatualização, autoestima, afetos positivos e satisfação com a vida e negativamente com afetos negativos; motivos baseados no prazer se relacionaram positivamente com afetos negativos; autoatualização foi mediadora do efeito dos motivos baseados no prazer sobre a autoestima e o bem-estar subjetivo.
7	Regressão linear	Bem-estar psicológico se relacionou negativamente com motivos de carreira e positivamente com motivos de proteção do eu; a relação positiva entre bem-estar e motivos de proteção foi mais forte entre os voluntários mais jovens.
9	Modelo de equações estruturais	Motivos e normas sociais foram associados positivamente e explicaram 52% da variância da satisfação.
11	ANOVA,	Voluntários que consideram conexões sociais e valores altruístas como motivos predominantes apresentam menor risco de morte se comparados a não voluntários; risco de morte é menos entre voluntários com motivos sociais do que de engrandecimento.
12	ANOVA, MANOVA, regressão linear	Não analisa a relação entre motivações e bem-estar. ANOVA identificou diferenças de gênero nos diferentes motivos (homens mais motivados pelo empoderamento pessoal do que mulheres); MANOVA apontou diferença de gênero no bem-estar, que revelou mais altos níveis de afetos positivos entre os homens; regressão linear apontou o motivo de solidariedade como preditor de intenção de voluntariar-se novamente no futuro e afetos negativos como preditores de uma diminuição na intenção de voluntariar-se futuramente na mesma área entre as mulheres, e afetos positivos como preditor de intenção de voluntariar-se com frequência no futuro entre os homens.
13	Teste 't' de Student, regressão linear	Voluntários com alto bem-estar psicológico relataram altos níveis de motivos de valores e conhecimento e baixos níveis de engrandecimento e preocupação com a comunidade; Bem-estar psicológico foi positivamente influenciado por motivações de aproximação e negativamente influenciado por motivações de evitação.
14	Regressão linear	Motivação intrínseca foi positivamente relacionada a satisfação com a vida; esta relação é mediada pela satisfação com o voluntariado.
15	Regressão linear	Intenção, crenças pró-sociais e propósito de vida foram preditores de voluntariado; o efeito do propósito de vida sobre as horas de voluntariado devido às crenças foi a combinação do efeito direto do propósito de vida, do efeito indireto via crenças e o efeito indireto via crença e, depois, via intenção.
18	Regressão linear	Não analisa a relação entre motivações e bem-estar. São avaliadas as relações da motivação e senso de comunidade com o envolvimento do voluntário, mas não a relação entre si. O maior envolvimento no programa de jardinagem foi preditor de maior motivação, mas não de senso de comunidade.

19	Regressão linear	Senso de comunidade foi um preditor mais expressivo de voluntariado do que variáveis disposicionais.
20	Modelo de equações estruturais	Associação entre motivações e bem-estar subjetivo não foi significativa.
21	Modelo de equações estruturais	O bem-estar psicológico foi predito pela religiosidade e senso global de responsabilidade através do senso de comunidade, motivação para o voluntariado e generatividade.
22	Modelo de equações estruturais	Paixão harmoniosa predisse satisfação com o envolvimento e saúde geral e paixão obsessiva predisse ruminação.
23	Regressão logística	Altos índices de motivos ligados a carreira e proteção do eu estão relacionados a baixos níveis de bem-estar
24	Modelo de equações estruturais	Houve forte associação entre motivação para o voluntariado e qualidade de vida.
27	Correlação, regressão linear	Motivações baseadas no prazer foram associadas positivamente a todas as medidas de bem-estar; as mesmas foram capazes de explicar grande parte da variância do propósito de vida e crescimento pessoal
28	Modelo de equações estruturais	Motivações relacionadas a valores e proteção do eu impactaram direta e positivamente a satisfação com a vida; motivos de valores, engrandecimento e sociais foram relacionados positivamente ao bem-estar pessoal.

Os tipos de análise mais amplamente utilizados foram a regressão linear (em 11 estudos) e o modelo de equações estruturais (7 estudos). Procedimentos mais simples, como testes 't' de Student e ANOVA foram utilizados com menor frequência.

Os artigos que investigaram a diferença entre grupos os classificaram através das motivações (1 e 11), da idade (7), participantes voluntários ou não voluntários (11) e nível de bem-estar psicológico (13). As análises de associação identificaram que altos níveis de bem-estar estavam relacionados a motivos baseados no prazer (5 e 27), proteção do eu (7 e 28), normas sociais (9), valores (13 e 28), conhecimento e motivações de aproximação (13), religiosidade e senso global de responsabilidade (21), paixão harmoniosa (22) e engrandecimento (28). Já baixos níveis de bem-estar puderam ser preditos por motivos relacionados a carreira (4, 7 e 23), proteção do eu (4 e 23), baixa autoestima (4) e paixão obsessiva (22).

Dois estudos consideraram tanto as motivações como as medidas de bem-estar como preditores do comportamento voluntário (15 e 19). Três estudos investigaram variáveis de mediação: a autoatualização (5) e a satisfação com o voluntariado (14) foram mediadoras da relação entre bem-estar e motivações; e o senso de comunidade, a motivação para o voluntariado e a generatividade (21) foram mediadores da relação entre bem-estar e religiosidade e senso global de responsabilidade.

Apenas um artigo não encontrou associação significativa entre bem-estar e motivações para o voluntariado (20), e dois investigaram diferentes preditores para estas duas variáveis separadamente, mas não apuraram a relação entre elas (12 e 18).

DISCUSSÃO

Os estudos qualitativos não exploraram a relação entre as motivações e os benefícios percebidos pelos voluntários. Entretanto nota-se que ela existe pelo fato de os conteúdos dos dois temas serem muito semelhantes. Ou seja, os benefícios parecem ser identificados quando o voluntário entende que o motivo que o levou a buscar a atividade foi atendido. Tal suposição é coerente com a ideia de que os indivíduos buscam satisfazer necessidades psicológicas com o voluntariado, e se elas são atendidas geram satisfação tanto com a prática quanto com a vida de forma geral (Kwok et al., 2013).

A maioria dos artigos é quantitativo transversal, por isso não se pode inferir causalidade. Mas há um tendência em interpretar os resultados assumindo algumas motivações como preditoras, sugerindo que elas antecedem o bem-estar. Entretanto, estudos apontam que o próprio bem-estar pode ser uma motivação para que as pessoas realizem trabalho voluntário, e este seria um círculo virtuoso (Diener, Kesebir, & Lucas, 2008; Meier & Stutzer, 2008; Son & Wilson, 2012; Thoits & Hewitt, 2001).

Os artigos quantitativos, majoritariamente, fizeram uso da teoria funcionalista de Clary et al. (1998). Embora às vezes não utilizassem o instrumento desenvolvido por estes autores, o Inventário de Funções do Voluntariado, as motivações listadas poderiam ser interpretadas dentro das seis dimensões propostas por ele. Observou-se, ainda, que as pesquisas adotam duas abordagens das motivações: ou foram consideradas em seus temas específicos, quando foram listados diferentes motivos que levaram alguém a ser voluntário; ou foram analisadas conforme a “orientação” do voluntário, se eram motivos mais autocentrados ou centrados nos outros. Tais abordagens, entretanto, não são excludentes. As seis dimensões do IFV, por exemplo, já foram classificadas como motivações intrínsecas e extrínsecas (Kwok et al., 2013). Nota-se, portanto, que se tratam de abordagens complementares.

Dada a natureza multifacetada do bem-estar, se poderia esperar que houvesse certa confusão entre os termos utilizados para referir-se aos diversos conceitos implicados nos estudos. Entretanto, houve consenso entre os distintos autores sobre o que chamaram bem-estar subjetivo, psicológico e senso de comunidade. Apenas um artigo denominou bem-estar

psicológico o que seria chamado bem-estar subjetivo de acordo com a definição de Diener et al. (1999), a mais utilizada. Contudo, há estudos que apontam que estes termos não se referem a assuntos diferentes, mas a distintos aspectos de um mesmo conceito (Chen, Jing, Hayes, & Lee, 2013; Díaz, Stavradi, Blanco, & Gandarillas, 2015).

De todos os artigos quantitativos considerados aqui, dois não analisaram a relação entre motivações e bem-estar dos voluntários. Dentre os demais, somente um não encontrou relações significativas. Já entre os que encontraram resultados significativos, a grande maioria das motivações estudadas foi associada a altos níveis de bem-estar. Apenas o desenvolvimento da carreira, a proteção do eu, a baixa autoestima e a paixão obsessiva foram identificados como preditores de baixos níveis de bem-estar. Isto sugere que, mais do que o motivo que levou o indivíduo a ser voluntário, é importante que ele perceba que atingiu este objetivo ao realizar as atividades. Esta ideia corrobora o que foi demonstrado nos artigos qualitativos e por Kwok et al. (2013), que aponta a satisfação com o voluntariado como mediadora da relação entre motivações e satisfação com a vida.

O senso psicológico de comunidade pode ser considerado como um dos componentes do bem-estar sociocomunitário (Sarriera, 2015). Entretanto, nos artigos aqui analisados ele sempre foi estudado como um preditor de bem-estar ou como uma das motivações para o voluntariado. Observa-se, então, que esta ainda é uma possibilidade a ser explorada pelos pesquisadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da revisão sistemática da literatura realizada neste trabalho pode-se observar que mesmo com diferentes abordagens sobre as motivações para o voluntariado, elas mostram-se relacionadas ao bem-estar dos voluntários. Destaca-se, ainda, que os resultados sugerem uma importância maior à satisfação das expectativas do que ao tipo de motivação e de atividade em que as pessoas estão envolvidas.

Como limitação deste estudo ressalta-se a ausência de pesquisas brasileiras sobre o tema. Considerando a influência da cultura sobre os hábitos e o papel do voluntariado na sociedade, salienta-se que este é um tema relevante a ser abordado em novos estudos.

CAPÍTULO III: MOTIVAÇÕES E BEM-ESTAR DE VOLUNTÁRIOS: ESTUDO EMPÍRICO COM AMOSTRA BRASILEIRA

INTRODUÇÃO

Cada vez mais o voluntariado tem sido percebido como um espaço de cidadania e expressão do desejo de transformação social (Gomes, 2009). Dada sua importância neste contexto, surgiram diversas frentes de pesquisa sobre o tema. Alguns pesquisadores, por exemplo, se preocuparam em saber quem eram essas pessoas que se envolviam neste tipo de trabalho. Encontraram que a maioria eram mulheres, casadas, com boas condições financeiras, com filhos e curso superior, que trabalham, residem no mesmo local há algum tempo, possuem boas relações sociais e gozam de boa saúde (Boraas, 2003; Garland, Myers, & Wolfer, 2008; Thoits & Hewitt, 2001; Wilson, 2012).

Além dos dados sociodemográficos, outros pesquisadores buscaram conhecer as principais motivações que levam as pessoas a realizarem trabalhos voluntários. Uma das teorias mais amplamente utilizadas é a proposta por Clary et al. (1998), que propõe seis funções psicológicas que o voluntariado pode exercer na vida das pessoas. A função *valores* se refere a expressar preocupações altruístas e humanitárias com outras pessoas. A *social* está relacionada ao voluntariado como forma de estar com outras pessoas ou estar envolvido em um atividade que é bem vista por pessoas próximas. *Entendimento* diz respeito a vivenciar novas experiências de aprendizado e exercitar habilidades e conhecimentos que de outra forma não seriam exercitados. *Engrandecimento*, por sua vez, envolve a busca por crescimento e desenvolvimento num esforço positivo do ego. *Proteção do eu* é a função psicológica do voluntariado vinculada ao alívio da culpa por sentir-se mais afortunado que os outros e à busca por resolver os próprios problemas. Por fim, a função *carreira* corresponde às motivações relativas ao desenvolvimento de habilidades importantes para a carreira profissional (Clary et al., 1998).

Dentre elas, geralmente as funções mais relevantes são a expressão de valores altruístas e humanitários, bem como o fortalecimento de vínculos e a aprovação social (Metzer, 2003). Na sequência, variando entre os sexos e a idade, aparecem as funções carreira, mais importante entre pessoas mais jovens (Ho, You, & Fung, 2012), engrandecimento, entendimento e proteção, mais valorizadas entre as mulheres (Chew & Pyun, 2015; Stukas Hoye, Nicholson, Brown, e Aisbett, 2016).

Outros autores, que não se valeram previamente da teoria de Clary et al. (1998) para seus estudos encontraram resultados que corroboram estes achados e ainda ampliam um pouco. Apontam, também, motivações como o interesse pela atividade, o compromisso organizacional, a transformação social e a religiosidade (Chacón, Pérez, Flores, & Vecina, 2010).

Os estudos sobre o voluntariado também se concentram nos benefícios que ele pode gerar a quem o pratica. Neste sentido, parece ser consenso entre os autores que se envolver formalmente com o trabalho voluntário está associado à saúde física e mental (Hong & Morrow-Howell, 2010; Piliavin & Siegl, 2007; Thoits & Hewitt, 2001), e também ao bem-estar (Greenfield & Marks, 2004; MacKerron & Mourato, 2013; Pozzi, Marta, Marzana, Gozzoli, & Ruggieri, 2014; van Dillen, de Vries, Groenewegen, & Spreuwenberg, 2012). O estudo de Piliavin e Siegl (2007) revela também que o bem-estar e a saúde se relacionam positivamente com a consistência do voluntariado ao longo do tempo.

Alguns estudiosos têm se dedicado a verificar a direção em que se estabelece a relação entre o trabalho voluntário e o bem-estar e identificaram um círculo virtuoso. Os resultados revelaram uma reciprocidade entre o bem-estar e a participação em atividades voluntárias (Dávila, 2003; Diener, Kesebir, & Lucas, 2008; Meier & Stutzer, 2008; Son & Wilson, 2012; Thoits & Hewitt, 2001). Ou seja, pessoas que realizam trabalho voluntário apresentam maiores níveis bem-estar e sujeitos que experimentam mais bem-estar se envolvem mais com o voluntariado.

Considerando as múltiplas facetas do bem-estar, torna-se relevante analisar como cada uma delas pode ser relacionada ao trabalho voluntário. Sua dimensão mais amplamente estudada, a do bem-estar subjetivo, pode ser afetada positivamente pelo voluntariado (Mellor et al. 2009; Ryff, & Singer, 2006). Uma associação positiva também pode ser identificada com o bem-estar social (Son & Wilson, 2012) e com o crescimento pessoal e sentido de vida (Huta, Pelletier, Baxter, & Thomson, 2012; Piliavin & Siegl, 2007), os quais estão relacionados ao bem-estar eudemônico que é voltado à realização de valores.

O bem-estar comunitário também foi associado ao trabalho voluntário (Mellor et al. 2009). Sua relação, entretanto, parece não ser direta como nos outros casos. Estudos apontam que o senso de comunidade atua como um preditor de motivação para o voluntariado e, estas, predizem outras dimensões do bem-estar (Omoto & Packard, 2016; Pozzi et al., 2014).

Considerando as implicações sobre o bem-estar e os diferentes motivos que levam as pessoas a praticá-lo, resta saber qual a relação entre estes dois aspectos do voluntariado. Segundo Kwok, Chui y Wong (2013), o voluntário que apresenta motivações intrínsecas para

ajudar os outros demonstra maior satisfação com a vida. Resultados semelhantes foram encontrados por Gebauer, Riketta, Broemer e Maio (2008), os quais afirmaram que motivações baseadas na antecipação do prazer se relacionam positivamente com satisfação com a vida e com afetos positivos. Dulin, Hill e Anderson (2001) ainda afirmam que as pessoas que se voluntariam por razões altruístas experimentam maior bem-estar.

Entre os autores que estudaram esta relação considerando a teoria das funções do voluntariado de Clary et al. (1998), destaca-se os achados de Ho et al. (2012), que encontraram uma relação negativa entre os motivos relativos a carreira e proteção e a satisfação com a vida. Também relataram que os motivos de proteção incidiam em maior medida sobre a satisfação com a vida dos participantes mais jovens ou de faixa etária intermediária do que sobre a dos mais velhos.

Um estudo longitudinal com idosos identificou que voluntários que consideraram as conexões sociais e a expressão de valores altruístas como motivos predominantes eram marginalmente menos propensos à morte se comparados aos não voluntários. Mas esta redução no risco de morte não foi observada entre aqueles que consideravam mais importantes os motivos relacionados a crescimento pessoal. O mesmo estudo ainda apontou que participantes que davam preferência às conexões sociais apresentavam menor risco de morte do que os que valorizavam mais o engrandecimento (Konrath, Fuhrel-Forbis, Lou, & Brown, 2012).

Resultados semelhantes também foram encontrados por Stukas et al. (2016), segundo os quais níveis mais baixos de autoestima, bem-estar pessoal, conexão social, autoeficácia e confiança nos outros estão associados a alta motivação por proteção. Já os motivos de expressão de valores, vínculos sociais, e entendimento apresentaram relação positiva com os mesmos indicadores de bem-estar.

Considerando a relevância do tema na literatura internacional e a escassez de pesquisas nacionais, o presente estudo tem como objetivos: 1) identificar as principais motivações que levam os participantes a realizarem trabalho voluntário; 2) verificar os níveis de bem-estar subjetivo, psicológico e senso de comunidade entre os voluntários; 3) identificar a relação entre as motivações para o voluntariado e diferentes medidas bem-estar.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo 267 voluntários com idade entre 18 e 76 anos ($M = 38,33$; $DP = 15,06$), vinculados a instituições sociais que atendem crianças e adolescentes em diversas cidades do Brasil. A amostragem foi realizada de forma não probabilística. Os voluntários foram contatados através das instituições a que eram vinculados e os que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As instituições participantes podem ser divididas em três grupos. O primeiro de refere a instituições de atenção à saúde, onde são incluídos hospitais e instituições de acolhimento de pessoas com deficiência. Outro grupo se refere a instituições sociais que disponibilizam, principalmente, atividades para crianças e adolescentes no horário do contra-turno escolar. E por fim as instituições com atuação focada na educação e inserção de jovens no mercado de trabalho.

Os participantes eram majoritariamente do sexo feminino (65,2%), solteiros (42,9%), com ensino superior completo (59,2%), atualmente exercendo atividade remunerada (78,3%) e com renda familiar entre um e cinco salários mínimos (52,9%). O número de filhos variou entre 0 (51,0%) e 5 ($M = 0,87$; $DP = 1,05$), com idades entre 0 e 52 ($M = 17,94$; $DP = 13,16$), e a moradia era dividida com até 7 pessoas ($M = 2,17$; $DP = 1,28$). Em relação ao voluntariado, a maioria realizava atividades educacionais (38,0%), até dois dias por semana (90,4%), atendendo pessoas de diversos bairros de suas cidades (57,9%), e estavam envolvidas com a atividade há mais de dois anos (42,0%).

Instrumentos

Personal Wellbeing Index - PWI

Desenvolvido por Cummins, Eckersley, Pallant, VanVugt e Misajon (2003), avalia a satisfação referente a sete domínios da vida, a saber, saúde, nível de vida, coisas que tem conseguido, segurança, segurança sobre o futuro, relações com outras pessoas e com a comunidade. Trata-se de uma escala de 11 pontos que varia de completamente insatisfeito (0) a completamente satisfeito (10), validada no Brasil com boa consistência interna para a amostra de adultos ($\alpha = 0,799$) (Bedin & Sarriera, 2014).

Escala de Bem-estar Psicológico – EBEP

Adaptada para o Brasil por Machado, Bandeira e Pawlowski (2013) a partir da versão de Ryff e Essex (1992). São 36 itens divididos em seis subescalas (relações positivas com os outros, autonomia, domínio sobre o ambiente, crescimento pessoal, propósito na vida e autoaceitação), respondidos em uma escala do tipo Likert de seis pontos, cujos extremos são “discordo totalmente” e “concordo totalmente”. Neste trabalho foram utilizadas as subescalas de domínio sobre o ambiente e crescimento pessoal, com indicadores de fidedignidade composta 0,76 e 0,84, respectivamente.

Sense of Community Index – SCI

Criado por Chavis et al. (1986), é uma escala de 12 itens que mede quatro dimensões (status de membro, conexões emocionais compartilhadas, influência e integração e satisfação das necessidades). Na adaptação para o Brasil por Sarriera et al. (2015), foram mantidos 9 itens e foi encontrada estrutura bidimensional, com coeficientes de consistência interna 0,78 para a escala geral, 0,73 para a dimensão “vinculação positiva com a comunidade” e 0,58 para a dimensão “relações comunitárias com entre os vizinhos”.

Inventário de Funções do Voluntariado - IFV

Desenvolvida por Clary et al. (1998), a escala original apresenta 30 itens para medir seis funções: *valores, social, entendimento, engrandecimento, proteção do eu e carreira*. No estudo de adaptação para o Brasil desenvolvido por Pilati e Hees (2011) a estrutura encontrada manteve as principais características teóricas do modelo original com seis fatores, mas apresentou boa consistência interna com quatro fatores.

O fator engrandecimento social ($\alpha = 0,85$) mede itens como “As pessoas próximas de mim realizam trabalho voluntário”; o fator valores e entendimento ($\alpha = 0,84$) mensura itens como “Fazer algo de bom a outras pessoas é importante para mim”; o fator proteção ($\alpha = 0,72$) considera itens como “Trabalhar voluntariamente é uma forma de esquecer meus problemas”; e o fator carreira ($\alpha = 0,82$) mede itens como “Como voluntário eu faço contatos para trabalhos remunerados”. Os itens são respondidos numa escala Likert de 7 pontos, que varia de 1 = totalmente sem importância a 7 = totalmente importante.

Questionário sociodemográfico

Foram investigadas as variáveis sexo, idade, renda, escolaridade, estado civil, situação atual de vínculo de trabalho, frequência semanal e há quanto tempo realizada voluntariado na

mesma instituição, bem como a área da atividade voluntária e de onde são as pessoas beneficiadas por ele.

Procedimentos

A pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil sob o número 62049116.3.0000.5334 e obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo parecer número 2.007.278 (Anexo A). Inicialmente foi realizado contato com as instituições sociais e, uma vez autorizado formalmente pelo Termo de Concordância Institucional (Anexo B), convidou-se os voluntários a participarem do estudo. Aqueles que aceitaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C) e responderam ao questionário (Anexo D).

Algumas instituições solicitaram que a aplicação dos questionários fosse realizada pelos próprios coordenadores de voluntariado, enquanto outras autorizaram a ida da pesquisadora a reuniões de voluntários. Aqueles que eram de outras cidades que não Porto Alegre enviaram os questionários respondidos por email e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado, por correio. Assim, alguns questionários foram respondidos individualmente e outros em grupo.

Análise de dados

Os dados foram analisados através do *software* SPSS Statistics 20. Inicialmente foram efetuadas análises descritivas a fim de traçar um perfil dos participantes, bem como os índices de motivações, bem-estar pessoal, bem-estar psicológico e senso de comunidade. As diferenças entre grupos foram avaliadas através de análises bivariadas e, finalmente, realizou-se uma regressão linear múltipla a fim de conhecer os preditores de cada um dos índices de bem-estar e também do bem-estar geral.

RESULTADOS

Funções do voluntariado

As diferentes dimensões do Inventário de Funções do Voluntariado serão utilizadas, posteriormente, numa análise de regressão múltipla. Por isso, optou-se por inicialmente averiguar a estrutura fatorial do mesmo nesta amostra. As condições para que a análise fosse realizada foram atendidas na amostra ($KMO = 0,854$ e $Bartlett \chi^2 (276) = 2495,491; p < 0,001$), utilizou-se o método de extração por componentes principais com rotação oblínua. O modelo

de seis fatores foi o que apresentou maior variância explicada (64,42%), e a Tabela 5 apresenta as cargas fatoriais dos itens.

Tabela 5
Resultados da Análise Fatorial Exploratória do Inventário de Funções do Voluntariado.

	Structure Matrix						h ²
	Component						
	Engrande- cimento	Carreira	Proteção do eu	Valores	Entendi- mento	Social	
21.Trabalhar como voluntário(a) aumenta minha autoestima.	0,89				-0,35	-0,32	0,844
22.Trabalhar voluntariamente aumenta minha autoconfiança.	0,87				-0,35	-0,38	0,842
17.O voluntariado me auxilia na resolução dos meus próprios problemas.	0,72	-0,33	0,44		-0,45		0,702
23.Trabalhar voluntariamente é uma forma de esquecer meus problemas.	0,71	-0,40	0,35		-0,32		0,596
13.O trabalho voluntário me ajuda a entender os problemas da minha vida.	0,62	-0,40	0,54		-0,44		0,660
14.O voluntariado auxilia na minha capacitação para um emprego.		-0,86	0,30				0,760
12.O trabalho voluntário funciona como uma porta para a minha carreira profissional.	0,31	-0,85	0,31				0,758
3.Como voluntário eu faço contatos para trabalhos remunerados.		-0,72					0,535
11.O trabalho voluntário é uma boa forma de fazer justiça.			0,75				0,596
10.O trabalho voluntário diminui a minha culpa por ser mais afortunado que muitos.		-0,34	0,71				0,587
9.No voluntariado eu perco preconceitos.			0,65		-0,35	-0,38	0,575
6.Fazer algo de bom a outras pessoas é importante para mim.				0,82	-0,33		0,706
7.Gosto de ser prestativo para a sociedade.				0,79			0,695
15.Por meio do voluntariado eu posso ajudar a melhorar o mundo.	0,34		0,34	0,65	-0,32		0,524
24.Trabalhar voluntariamente faz eu me sentir bem comigo.	0,61			0,61			0,658
19.O voluntariado me permite fazer bons amigos.	0,35				-0,82		0,754
18.O voluntariado me permite criar vínculos afetivos com outros voluntários.	0,34	-0,30			-0,82		0,717
20.Participando do trabalho voluntário aprendo a lidar com situações diferentes.				0,47	-0,65		0,524
4.Eu aprendo com a carência (afetiva, financeira, psicológica, etc.) do outro.	0,31		0,41		-0,59	-0,46	0,589
5.Eu me sinto ativo graças ao trabalho voluntário.	0,40				-0,57	-0,32	0,423

16.O voluntariado me ajuda a compreender como o mundo poderia ser melhor.	0,38		0,41	0,48	-0,52	0,539
1.As pessoas próximas de mim realizam trabalho voluntário.	0,32				-0,78	0,672
2.Como voluntário eu aprendo coisas úteis para minha carreira.		-0,54			-0,36	0,636
8.Meus amigos veem o voluntariado como algo importante.	0,44	-0,43		0,33		-0,54 0,570
Alpha de Cronbach	0,83	0,80	0,70	0,62	0,77	0,68
Variância explicada (%)	30,50	10,54	6,98	6,61	5,50	4,26

Extraction Method: Principal Component Analysis

Rotation Method: Oblimin with Kaiser Normalization.

O número de fatores encontrado nesta amostra difere do encontrado no estudo que desenvolveu a versão brasileira do Inventário de Funções do Voluntariado. Como os itens foram elaborados com base no modelo teórico de Clary et al. (1998), optou-se por utilizar a mesma nomenclatura do instrumento original para identificar os fatores deste estudo. Assim, embora os itens não sejam a tradução direta dos itens da escala em inglês, foram agrupados em seis fatores que seguem a teoria desta, a saber, carreira, valores, social, proteção do eu, engrandecimento e entendimento.

A função carreira ficou composta por quatro itens (2, 3, 12 e 14), que se referem à preparação para a carreira profissional e são os mesmos propostos nas versões em inglês e português da escala. A função valores foi formada por três itens (6, 7 e 15), referentes à expressão de valores que buscam contribuir para o bem dos outros. A função proteção do eu incluiu quatro itens (9, 10, 11 e 13), que aludem à proteção de características negativas e à afirmação da bondade. Engrandecimento agrupou cinco itens (17, 21, 22, 23 e 24), os quais versam sobre sentir-se bem consigo mesmo. Entendimento, por sua vez, foi formada por seis itens (4, 5, 16, 18, 19 e 20), que incluem os relacionados ao crescimento pessoal bem como à formação de novos vínculos sociais. Finalmente, a função social incluiu apenas dois itens (1 e 8), que se referem à valorização do trabalho voluntário por pessoas próximas.

Apenas o item 5 apresentou comunalidade inferior a 0,5. Entretanto, ele foi mantido porque sua retirada não representava uma alteração significativa na estrutura do instrumento.

A função do voluntariado considerada mais importante pelos participantes foi Valores ($M = 6,44$; $DP = 0,77$), seguida por Entendimento ($M = 5,69$; $DP = 1,07$), Engrandecimento ($M = 4,79$; $DP = 1,44$), Proteção ($M = 3,66$; $DP = 1,48$), Social ($M = 3,50$; $DP = 1,79$) e, finalmente, Carreira ($M = 3,43$; $DP = 1,64$).

Para realizar as análises bivariadas, a amostra foi agrupada em faixas etárias de acordo com os tercis. Assim, a primeira categoria contemplou voluntários com até 28 anos, a

segunda incluiu voluntários com idade entre 29 e 45 anos, e a terceira participantes com mais de 46 anos.

A Tabela 6 apresenta os resultados das análises fatoriais de variância das funções do voluntariado de acordo com sexo e faixa etária. A faixa etária foi significativa nas funções carreira ($F = 9,501, p < 0,001$), proteção do eu ($F = 4,774, p = 0,009$) e social ($F = 3,116, p = 0,046$). Nas funções valores ($F = 7,483, p = 0,007$) e entendimento ($F = 9,524, p = 0,002$) apenas a variável sexo o foi. Já a interação entre elas foi significativa nas funções engrandecimento ($F = 6,444, p = 0,042$), carreira ($F = 14,720, p = 0,002$) e proteção do eu ($F = 11,989, p = 0,003$).

A seguir são apresentados gráficos onde estas diferenças e interações são exploradas. Na Figura 3 pode-se observar as médias da função carreira, apresentadas com seus intervalos de confiança de 95%, entre as diferentes faixas etárias da amostra. A média mais alta foi a

Tabela 6

Resultados das análises de variância das motivações para o voluntariado de acordo com sexo e faixa etária.

Variável dependente	Variável independente	Soma dos quadrados	GL	Média quadrada	F	Sig
Engrandecimento	sexo	1,121	1	1,121	0,559	0,455
	faixa etária	9,278	2	4,639	2,315	0,100
	sexo*faixa etária	12,889	2	6,444	3,216	0,042 ^a
Carreira	sexo	0,002	1	0,002	0,001	6,384
	faixa etária	43,813	2	21,906	9,501	0,000 ^a
	sexo*faixa etária	29,440	2	14,720		0,002 ^a
Proteção do eu	sexo	3,838	1	3,838	1,904	0,169
	faixa etária	19,243	2	9,621	4,774	0,009 ^a
	sexo*faixa etária	23,978	2	11,989	5,949	0,003 ^a
Valores	sexo	4,332	1	4,332	7,483	0,007 ^a
	faixa etária	2,559	2	1,279	2,210	0,112

	sexo*faixa etária	1,148	2	0,574	0,991	0,372
Entendimento	sexo	10,687	1	10,687	9,524	0,002 ^a
	faixa etária	3,082	2	1,541	1,373	0,255
	sexo*faixa etária	0,159	2	0,079	0,071	0,931
Social	sexo	1,853	1	1,853	0,589	0,443
	faixa etária	19,609	2	9,804	3,116	0,046 ^a
	sexo*faixa etária	4,032	2	2,016	0,640	0,528

^a $p < 0,05$

dos participantes de até 28 anos ($M = 4,00$; $DP = 1,44$), seguida por aqueles entre 29 e 45 anos ($M = 3,64$; $DP = 1,55$) e, finalmente, os maiores de 46 anos ($M = 2,69$; $DP = 1,63$). Uma análise de variância apontou diferença estatisticamente significativa ($F = 16,73$; $p < 0,001$) entre os grupos, então o teste post hoc de Bonferroni revelou que as diferenças foram significativas entre a primeira e a terceira faixa etária ($p < 0,001$) e entre a segunda e a terceira faixa etária ($p < 0,001$), mas não entre a primeira e a segunda ($p = 0,427$). Ou seja, voluntários com mais de 46 anos consideraram a função carreira menos importante do que os com idade inferior.

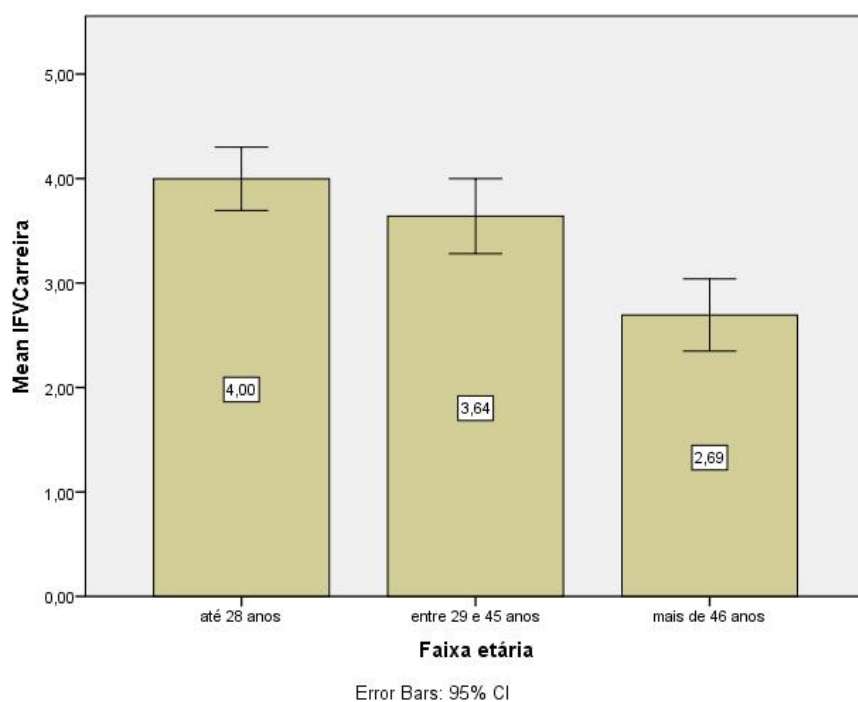


Figura 3. Interação CarreiraIFV x faixa etária

A Figura 4 apresenta a interação entre as variáveis sexo e faixa etária e seu efeito significativo ($p = 0,002$) sobre a média na função carreira. Nota-se que até os 28 anos as mulheres ($M = 4,25$; $DP = 1,49$) apresentam média mais alta que os homens ($M = 3,53$; $DP = 1,23$) na função carreira, e esta superioridade se mantém até os 45 anos, onde a média do sexo feminino é 3,73 ($DP = 1,67$) e do masculino é 3,50 ($DP = 1,37$). Já entre os voluntários com mais de 46 anos os homens ($M = 3,35$; $DP = 1,64$) demonstram valorizar mais a função carreira do que as mulheres ($M = 2,38$; $DP = 1,55$).

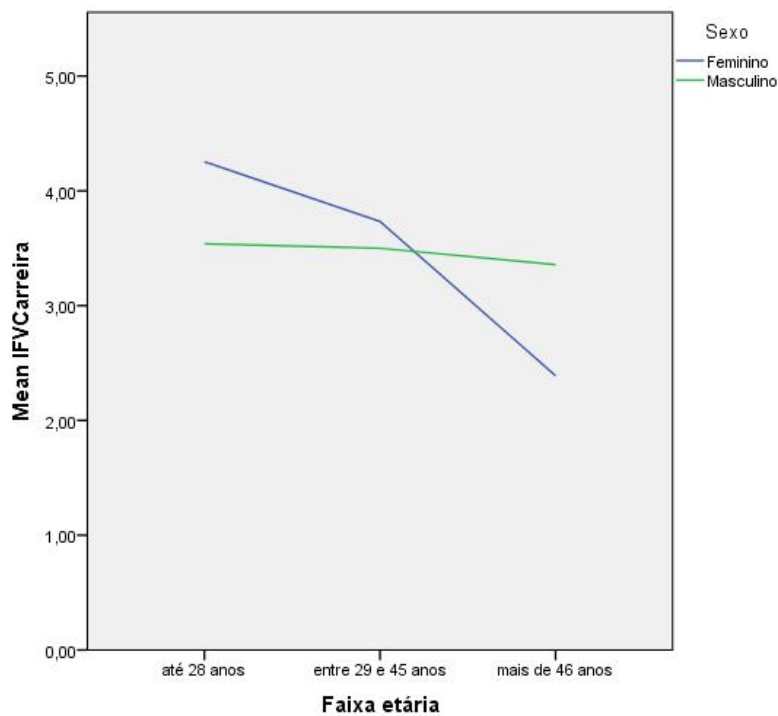


Figura 4. Interação sexo*faixa etária e CarreiraIFV

A Figura 5 demonstra as médias da função Proteção nas diferentes faixas etárias da amostra. A média mais alta foi a dos participantes com até 28 anos ($M = 4,11$; $DP = 1,31$), seguida por aqueles entre 29 e 45 anos ($M = 3,64$; $DP = 1,58$) e, por último, os maiores de 46 anos ($M = 3,27$; $DP = 1,46$). A análise de variância indicou diferenças estatisticamente significativas ($F = 7,302$, $p = 0,001$). O teste post hoc de Bonferroni apontou diferenças entre a primeira e a terceira faixa etária ($p = 0,001$), mas não entre primeira e a segunda ($p = 0,132$) ou entre a segunda e a terceira ($p = 0,328$). Isto significa que os participantes com idade até 28 anos consideraram a função proteção do eu mais importante do que aqueles com mais de 46 anos.

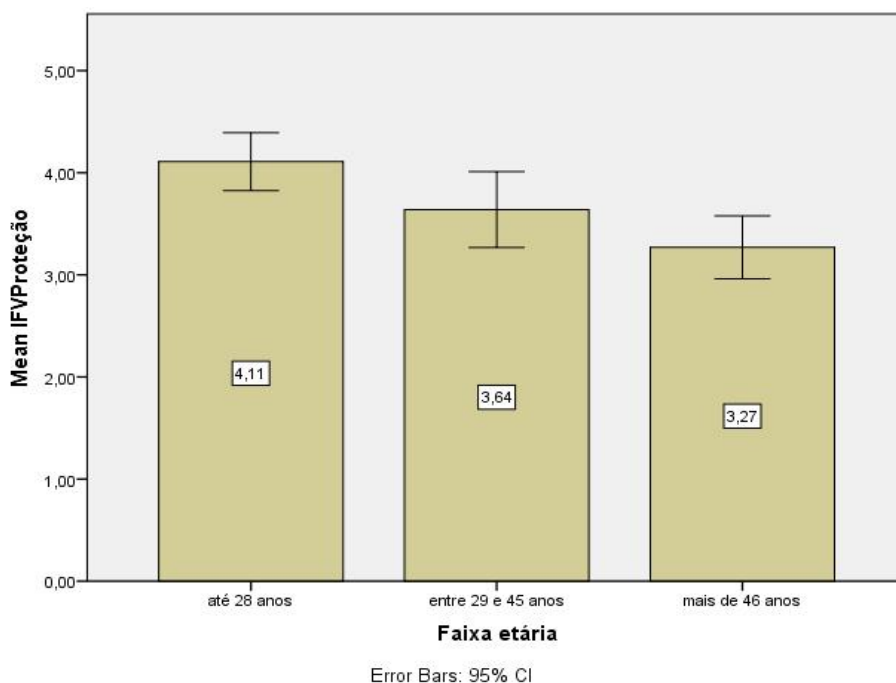


Figura 5. Interação IFVProteção x faixa etária

Na Figura 6 observa-se a interação entre as variáveis sexo e faixa etária e seu efeito significativo ($p = 0,003$) sobre a função proteção do eu. Até os 28 anos as mulheres ($M = 4,27$; $DP = 1,43$) apresentam média mais alta que os homens ($M = 3,82$; $DP = 1,05$) na função proteção, e este comportamento se mantém até os 45 anos, onde a média do sexo feminino é 4,01 ($DP = 1,69$) e do masculino é 3,05 ($DP = 1,18$). Já entre os voluntários com mais de 46 anos os homens ($M = 3,69$; $DP = 1,29$) valorizam mais a função proteção do que as mulheres ($M = 3,07$; $DP = 1,50$).

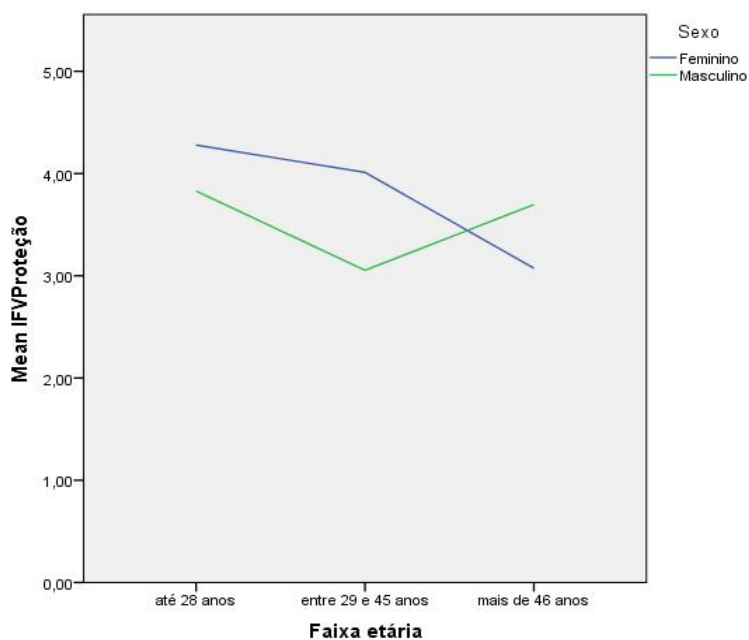


Figura 6. Interação sexo*faixa etária x IFVProteção

A Figura 7 exibe as médias da função Social nas diferentes faixas etárias estudadas. Os voluntários com idade entre 29 e 45 anos ($M = 3,98$; $DP = 1,87$) apresentaram a média mais alta, seguidos por aqueles maiores de 46 anos ($M = 3,33$; $DP = 1,86$) e, por fim, os com até 28 anos ($M = 3,25$; $DP = 1,56$). A análise de variância relatou diferença significativa entre as faixas etárias ($F = 4,167$; $p = 0,017$) e o teste post hoc de Bonferroni revelou que a diferença só é significativa entre a primeira e a segunda faixa etária ($p = 0,026$), e não entre a primeira e terceira ($p = 1,000$) ou entre a segunda e a terceira ($p = 0,054$). Ou seja, pode-se afirmar que os participantes com até 28 anos consideraram a função Social menos importante do que aqueles com idade entre 29 e 45 anos.

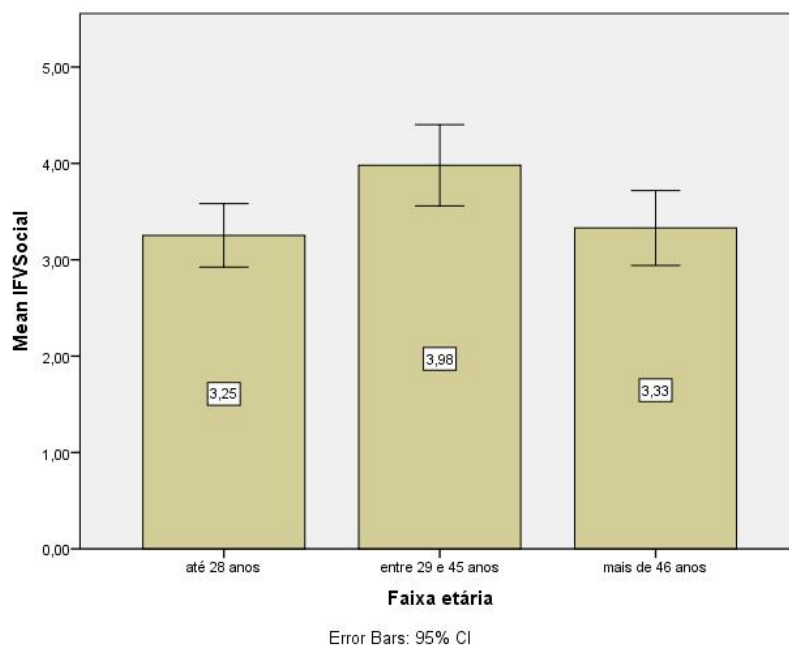


Figura 7. Interação IFV Social x faixa etária

Na Figura 8 pode-se observar as médias e intervalos de confiança de 95% da função valores em cada sexo. O sexo feminino apresentou média estatisticamente significativa ($p = 0,007$) mais alta ($M = 6,53$; $DP = 0,67$) do que o masculino ($M = 6,27$; $DP = 0,91$).

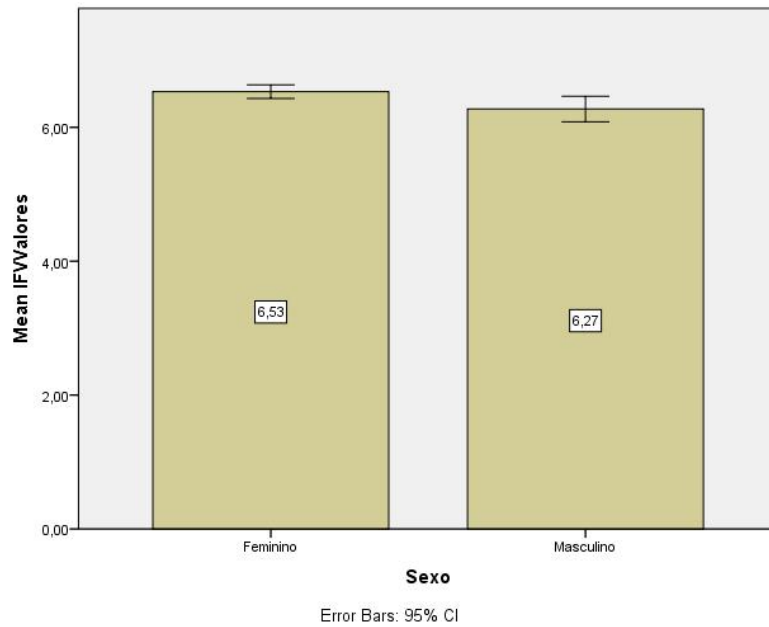


Figura 8. Médias e intervalos de confiança da ValoresIFV por sexo

Na Figura 9 encontra-se as médias e intervalos de confiança de 95% da função Entendimento de acordo com o sexo. As participantes do sexo feminino apresentaram média 5,84 ($DP = 1,01$) enquanto o sexo masculino pontuou em média 5,43 ($DP = 1,14$) nesta função.

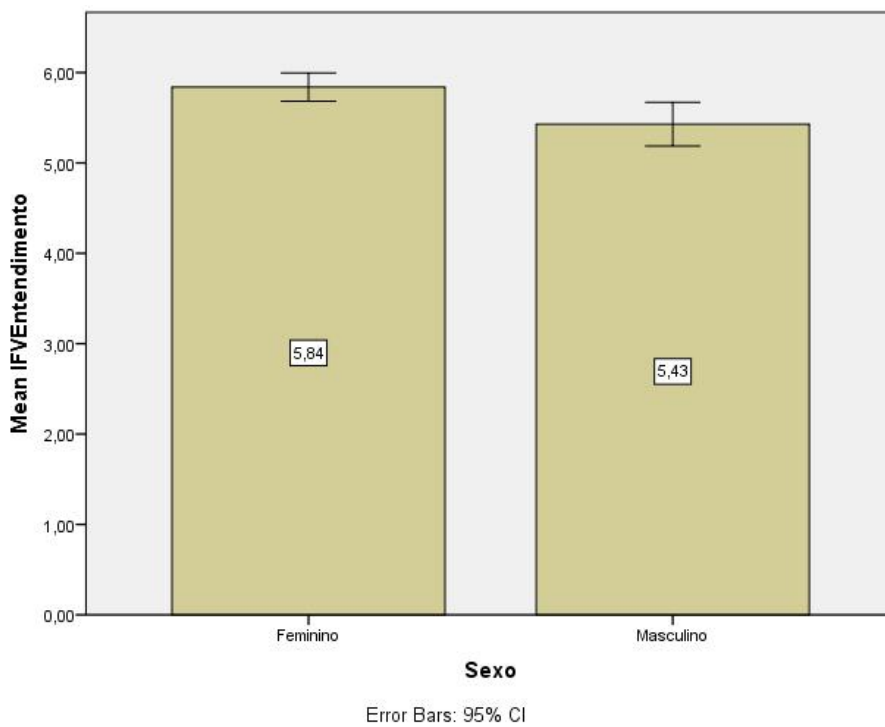


Figura 9. Médias e intervalos de confiança da IFVEntendimento por sexo

A Figura 10 apresenta a interação entre as variáveis sexo e faixa etária e seu efeito significativo ($p = 0,042$) sobre a média na função Engrandecimento. Nota-se que até os 28 anos os homens ($M = 4,92$; $DP = 1,21$) apresentam média mais alta que as mulheres ($M = 4,72$; $DP = 1,55$), e este comportamento se inverte entre os 29 os 45 anos, onde a média do sexo feminino é 5,35 ($DP = 1,54$) e do masculino é 4,90 ($DP = 1,11$). Já entre os voluntários com mais de 46 anos os homens ($M = 4,99$; $DP = 1,30$) voltam demonstram valorizar mais a função Engrandecimento do que as mulheres ($M = 4,26$; $DP = 1,48$).

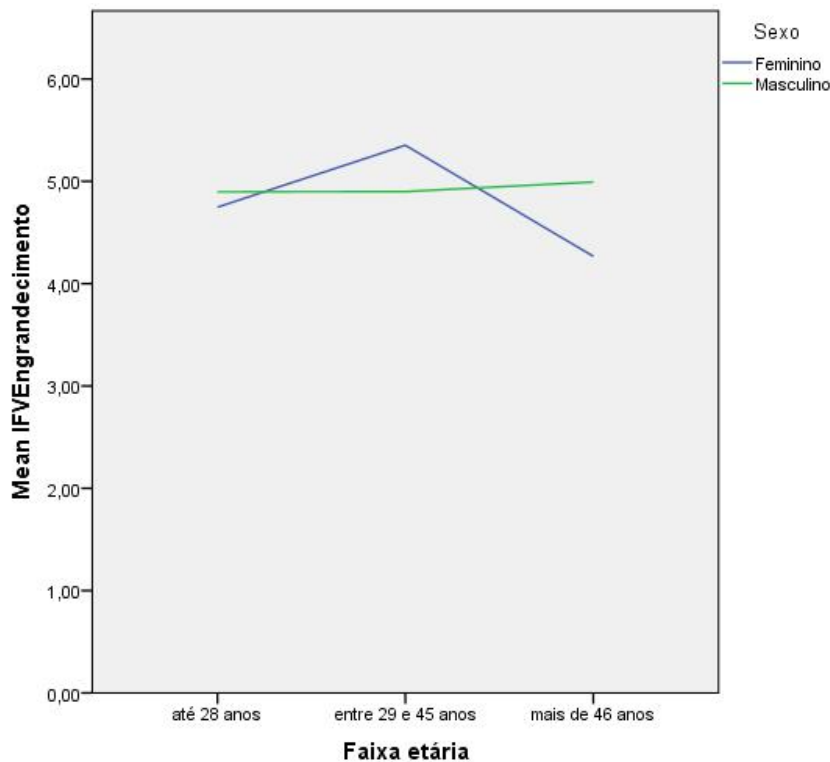


Figura 10. Interação sexo*faixa etária e IFVEngrandecimento

Bem-estar

A amostra demonstrou níveis adequados de bem-estar pessoal ($M = 7,79$; $DP = 1,24$), bem-estar psicológico ($M = 4,93$; $DP = 0,39$) e senso de comunidade ($M = 2,18$; $DP = 0,56$). Para avaliar o bem estar geral foi feita uma equivalência entre a pontuação das três escalas (PWI, EBEP e SCI) e calculada a média de cada indivíduo. Assim, a amostra apresentou média de 7,09 ($DP = 0,79$) no bem estar geral.

A Tabela 7 apresenta os resultados das análises fatoriais de variância das medidas de bem-estar considerando as variáveis sexo, faixa etária e tempo de voluntariado. A variável faixa etária foi significativa nas medidas de senso de comunidade ($F = 4,708$; $p = 0,10$) e bem-estar geral ($F = 5,447$; $p = 0,005$). O tempo de voluntariado ($F = 6,239$; $p = 0,002$) e a

interação entre ele e a faixa etária ($F = 3,239$; $p = 0,013$) foram estatisticamente significativos apenas nas medidas de senso de comunidade. Todas as demais variáveis não foram estatisticamente significativas.

Tabela 7

Resultados das análises de variância das medidas de bem-estar de acordo com sexo, faixa etária e tempo de voluntariado.

Variável dependente	Variável independente	Soma dos quadrados	GL	Média quadrada	F	Sig.
PWI	faixa etária	2,697	2	1,349	0,903	0,408
	sexo	0,888	1	0,888	0,595	0,442
	TV ^a	0,359	2	0,180	0,120	0,887
	faixa etária *sexo	2,771	2	1,386	0,928	0,398
	Faixa etária*TV	3,342	4	0,836	0,560	0,692
	sexo*TV	3,126	2	1,563	1,047	0,354
	faixa etária*sexo*TV	2,275	4	0,569	0,381	0,822
EBEP	faixa etária	0,749	2	0,374	2,566	0,079
	sexo	0,537	1	0,537	3,681	0,056
	TV ^a	0,211	2	0,106	0,724	0,486
	faixa etária *sexo	0,235	2	0,118	0,807	0,447
	Faixa etária*TV	1,145	4	0,286	1,963	0,101
	sexo*TV	0,367	2	0,184	1,259	0,286

	faixa etária*sexo*TV	0,290	4	0,072	0,496	0,739
Senso de comunidade	faixa etária	2,470	2	1,235	4,708	0,010 ^b
	sexo	0,249	1	0,249	0,948	0,331
	TV ^a	3,273	2	1,636	6,239	0,002 ^b
	faixa etária *sexo	0,621	2	0,310	1,184	0,308
	Faixa etária*TV	3,398	4	0,849	3,239	0,013 ^b
	sexo*TV	0,504	2	0,252	0,961	0,384
	faixa etária*sexo*TV	0,599	4	0,150	0,571	0,684
Bem-estar geral	faixa etária	5,701	2	2,850	5,447	0,005 ^b
	sexo	0,281	1	0,281	0,538	0,465
	TV ^a	0,457	2	0,229	0,437	0,647
	faixa etária *sexo	0,724	2	0,362	0,691	0,503
	Faixa etária*TV	3,701	4	0,925	1,768	0,139
	sexo*TV	0,536	2	0,268	0,512	0,601
	faixa etária*sexo*TV	0,368	4	0,092	0,176	0,951

^aTV = Tempo de voluntariado. ^b $p < 0,05$

As médias na escala de senso de comunidade são apresentadas na Figura 11, assim como os intervalos de confiança de 95% nas três faixas etárias consideradas. Os voluntários com mais de 46 anos relataram a média mais alta ($M = 2,36$; $DP = 0,54$), seguidos pela faixa entre 29 e 45 anos ($M = 2,22$; $DP = 0,53$) e, por fim, os mais jovens, com até 28 anos ($M = 1,95$; $DP = 0,53$). A análise de variância revelou diferenças estatisticamente significativas entre elas ($F = 12,67$; $p < 0,001$), e pelo teste post hoc Bonferroni foi possível identificar

diferença entre a primeira e a segunda faixa etária ($p = 0,005$), entre a primeira e a terceira ($p < 0,001$), mas não entre a segunda e a terceira ($p = 0,304$).

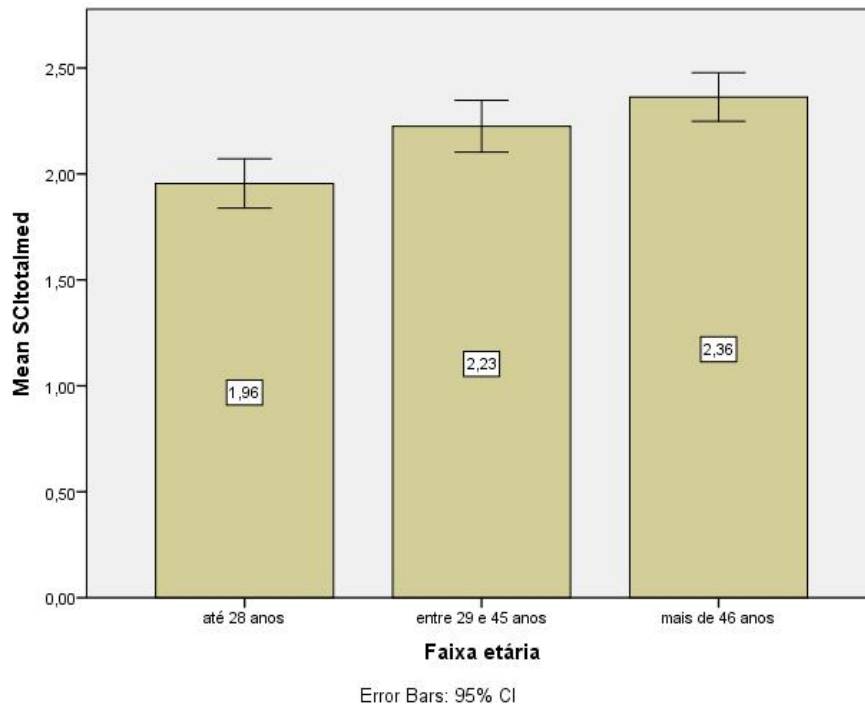


Figura 11. Médias SCI por faixa etária

Na Figura 12 são indicadas as médias de senso de comunidade de acordo com há quanto tempo os participantes exercem trabalho voluntário. A média mais alta é encontrada entre os voluntários que estão engajados neste tipo de trabalho há mais de dois anos ($M = 2,39$; $DP = 0,49$), em seguida estão os que o fazem por um período entre 7 meses e dois anos 9 ($M = 2,06$; $DP = 0,54$), e por último os que aderiram à prática há menos de 6 meses ($M = 2,01$; $DP = 0,57$). Por análise de variância identificou-se que há diferenças significativas entre os grupos ($F = 13,73$; $p < 0,001$), e o teste post hoc de Bonferroni revelou que ela ocorre entre os que fazem trabalho voluntário há mais de dois anos e os que o fazem há menos de 6 meses ($p < 0,001$), bem como entre aqueles e os que se voluntariam há um período entre 7 anos e dois anos ($p < 0,001$). Não há diferença, entretanto, entre os grupos de voluntários há menos de 2 anos ($p = 1,000$).

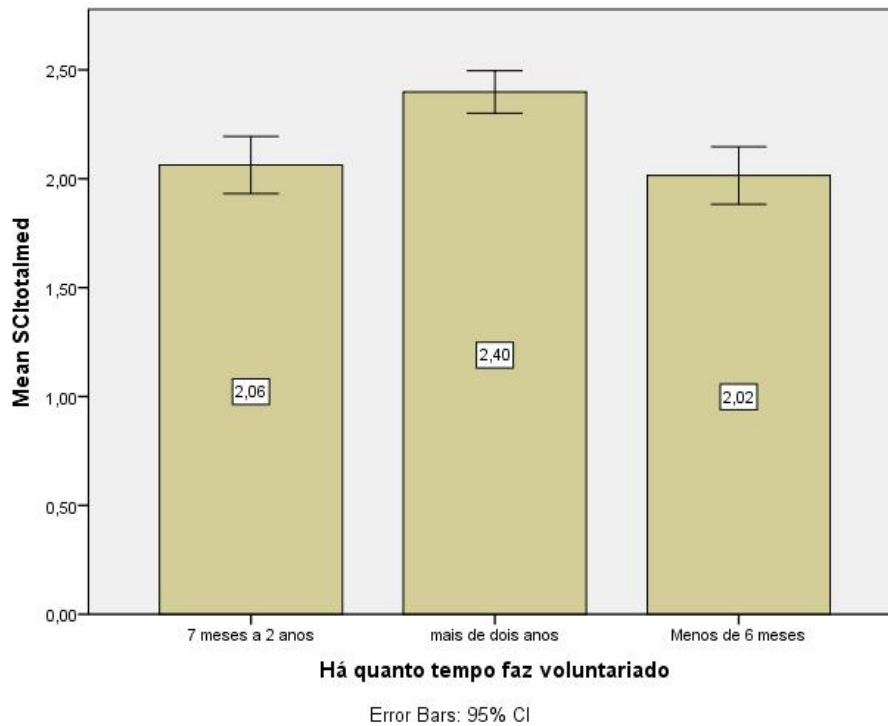


Figura 12. Médias SCI por tempo de trabalho voluntário

A Figura 13 mostra a interação entre as variáveis faixa etária e tempo de voluntariado e seu reflexo nas médias de senso de comunidade. Pode-se observar que entre os participantes com até 28 anos, a média mais alta é encontrada entre aqueles que estão nesta atividade há mais de dois anos ($M = 2,20$; $DP = 0,42$), sucedidos por quem o faz há mais de sete meses e menos de dois anos ($M = 1,90$; $DP = 0,49$) e, por último, os que são voluntários há menos de seis meses ($M = 1,89$; $DP = 0,58$). Já na faixa etária intermediária, entre 29 e 45 anos, participantes que exercem esta atividade por um período entre sete meses e dois anos foram os que apresentaram média mais alta de senso de comunidade ($M = 2,34$; $DP = 0,57$), e na sequência apareceram os voluntários há mais de dois anos ($M = 2,30$; $DP = 0,51$) e menos de seis meses ($M = 1,94$; $DP = 0,39$). Finalmente, na faixa etária superior a 46 anos as médias, em ordem decrescente, foram relatadas pelos grupos mais de dois anos ($M = 2,52$; $DP = 0,47$), menos de seis meses ($M = 2,31$; $DP = 0,55$) e entre 7 meses e dois anos ($M = 1,91$; $DP = 0,43$).

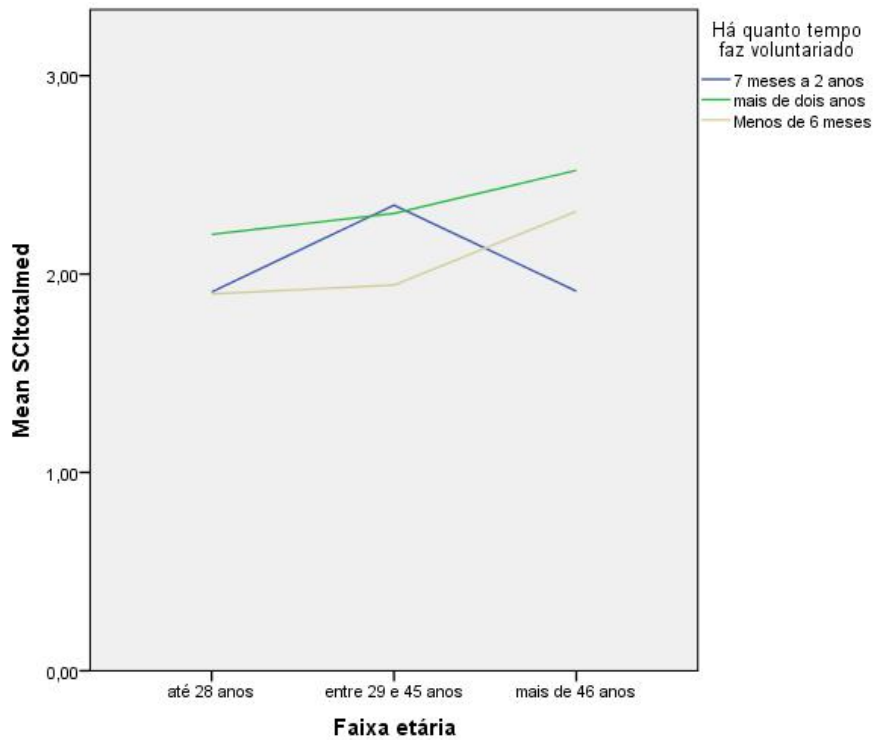


Figura 13. Interação faixa etária*TV e SCI

Conforme pode ser observado na Figura 14, os participantes com mais de 46 anos apresentaram a maior média de bem-estar geral ($M = 7,38$; $DP = 0,74$). Na sequência encontram-se aqueles com idade entre 29 e 45 anos ($M = 7,24$; $DP = 0,71$) e, por fim, os menores de 28 anos ($M = 6,70$; $DP = 0,74$). A análise de variância apontou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($F = 13,48$; $p < 0,001$) e o teste post hoc de Bonferroni mostrou que elas acontecem entre os mais jovens e os da faixa etária intermediária ($p = 0,001$) e entre aqueles e os mais velhos ($p < 0,001$), mas não entre os entre 29 e 45 anos e os maiores de 46 anos ($p = 0,988$).

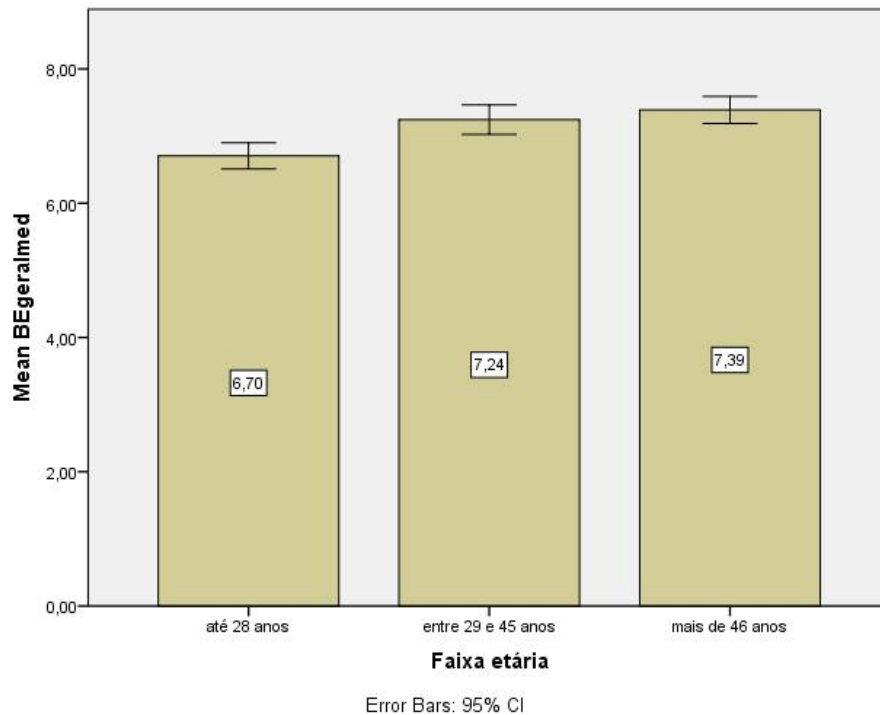


Figura 14. Interação BEgeral x faixa etária

Relação entre motivações e bem-estar

Finalmente, para investigar a relação entre as funções do voluntariado com o bem-estar foram realizadas análises de regressão múltipla pelo método *enter*. A seguir é apresentada a Tabela 8 com os resultados da regressão para cada variável de bem-estar.

Tabela 8

Coefficientes de correlação (R^2) e coeficientes da regressão padronizados (β) das análises de regressão de cada medida de bem-estar.

Variáveis dependentes	Preditores	R^2	R^2 ajustado	β
PWI	Engrandecimento	0,098*	0,060*	-0,061
	Carreira			-0,003
	Proteção			-0,251*
	Valores			0,049
	Entendimento			0,301*
	Social			-0,123
EBEP	Engrandecimento	0,037	0,009	-0,026
	Carreira			-0,090
	Proteção			-0,070
	Valores			0,084
	Entendimento			0,151
	Social			0,042

SCI	Engrandecimento			0,056
	Carreira			-0,109
	Proteção	0,044	0,016	-0,116
	Valores			0,026
	Entendimento			0,105
Bem-Estar Geral	Social			0,130
	Engrandecimento			-0,041
	Carreira			-0,094
	Proteção	0,114*	0,072*	-0,225*
	Valores			0,069
	Entendimento			0,333*
	Social			0,028

* $p < 0,05$

Pode-se observar que apenas as funções proteção e entendimento foram preditoras de medidas de bem-estar pessoal e geral. Em ambos os casos, a função proteção apresentou coeficiente negativo, o que indica uma relação inversa entre as variáveis, ou seja, quanto mais importante esta função é considerada, menor o bem-estar. A função entendimento, por sua vez, apresentou coeficiente positivo, sinalizando uma relação direta entre ela e o bem-estar dos voluntários.

No modelo preditor de bem-estar pessoal, as funções proteção e entendimento foram capazes de explicar de 6%, enquanto no modelo de bem-estar geral puderam explicar 7,2%. Já nos modelos do bem-estar psicológico e senso de comunidade, nenhuma das funções foi estatisticamente significativa como preditora.

DISCUSSÃO

O perfil dos voluntários neste estudo, maioria do sexo feminino, solteiros, com ensino superior completo, atualmente exercendo atividade remunerada, com renda familiar entre um e cinco salários mínimos e sem filhos se assemelha ao perfil encontrado em outros estudos (Cabrera-Darias & Marrero-Quevedo, 2015). Divergiu, principalmente, nos que se refere a estado civil e número de filhos (Ferrari, Luhrs, & Lyman, 2007; Ho et al., 2012; Hyde, Dunn, Wust, Bax, & Chambers, 2016).

Funções do voluntariado

Considerando as funções do voluntariado mais relevantes para a amostra, destaca-se a prevalência da função valores sobre as demais. Tal resultado é corroborado pela literatura, que aponta a função valores como a mais importante em estudos que não fizeram distinção

entre os tipos de voluntariado (Ho et al., 2012; Konrath et al., 2012). O mesmo foi identificado entre voluntários de organizações de assistência social (Chacón, Pérez, Flores, & Vecina, 2010), de eventos esportivos (Bang, Won, & Kim, 2009; Hallmann & Harms, 2012; Khoo & Engelhorn, 2011) e em instituições ou serviços de saúde (Planalp & Trost, 2009; Topp, Price, Nanyangwe-Moyo, Mulenga, Dennin, & Ngunga, 2015).

A função social foi identificada como a segunda mais relevante neste trabalho, o que aponta sua importância entre as diferentes motivações que os voluntários podem ter. Outros estudos da literatura também confirmam a oportunidade de socializar com outras pessoas entre as mais motivações mais valorizadas. Goth e Småland (2014), por exemplo, identificaram a socialização como a principal motivação entre voluntários engajados na recuperação de navios históricos na Noruega. Outras pesquisas relataram a socialização como um motivo importante entre voluntários em atividades ecológicas (O'Brien, Burls, Townsend, & Ebdon, 2011) e em centros comunitários (Ho et al., 2012).

Além disso, a importância das funções social, carreira e proteção variaram de acordo com a faixa etária. Os voluntários com mais de 46 anos consideraram a função carreira menos importante do que os mais jovens. Os participantes com até 28 anos consideraram a função social menos importante do que aqueles com idade entre 29 e 45 anos.

Tais resultados encontram amparo na literatura. O estudo de Okun e Schultz (2003) encontrou associação negativa entre idade e motivos relacionados à carreira, e relação positiva entre idade e motivos sociais. Da mesma forma Ho et al. (2012) identificaram a relação positiva entre idade e motivações sociais e relacionadas a valores. Tais autores sugerem que tais relações podem ser explicadas pela Teoria da Seletividade Socioemocional (Carstensen 2006), segundo a qual as pessoas tendem a valorizar mais as metas emocionalmente significativas do que as relacionadas ao futuro conforme amadurecem.

A variação observada na função proteção do eu, entretanto, parece não estar de acordo com esta teoria. Neste trabalho, os participantes com até 28 anos consideraram a função proteção mais importante do que aqueles com mais de 46 anos, enquanto seria esperado um aumento de sua relevância conforme aumentasse, também, a idade.

Investigando-se as diferenças de sexo, observou-se que as mulheres apresentaram médias mais altas que os homens nas funções valores e entendimento. Em seu estudo sobre as diferenças de gênero no voluntariado, Kulik, Bar e Dolev (2016) identificaram que homens tendem a valorizar o empoderamento pessoal mais do que as mulheres. E estes autores apontam a Teoria dos Papéis Sociais de Ajuda (Switzer, Switzer, Stukas, & Baker, 1999) como uma explicação para as diferenças de sexo neste contexto. De acordo com esta teoria,

desde a infância homens e mulheres são socialmente ensinados a ajudar de maneiras diferentes. As mulheres aprendem a ajudar através do cuidado físico, do apoio emocional, da atenção e contenção, enquanto os homens entendem que precisam ajudar os outros através de atividades que exigem coragem.

As funções do voluntariado relacionadas a engrandecimento, carreira e proteção de sofreram influência da interação entre sexo e faixa etária. A função carreira foi considerada mais relevante pelas mulheres nas faixas etárias até 45 anos, enquanto na faixa superior a 46 anos os homens a valorizaram mais. Pode-se pensar que esta diferença se dá pela disparidade salarial existente entre os gêneros no mercado de trabalho.

O estudo de Gonçalves, Ferreira e Teixeira (2016) apontou que, em todos os níveis de escolaridade, a média salarial dos homens é superior à das mulheres. Pode-se entender, portanto, que enquanto estão construindo sua carreira, as mulheres precisam se qualificar mais para conquistarem vagas de emprego com salários satisfatórios. Por isso percebem no voluntariado uma forma de desenvolver habilidades relacionadas à profissão. A partir dos 46 anos, este deixa de ser um fator tão relevante para elas, que passam a se motivar por outras razões para praticarem atividades voluntárias.

A função engrandecimento, por sua vez, é mais valorizada pelos homens na faixa etária até os 28 anos, pelas mulheres na faixa etária entre 29 e 45 anos, e novamente pelos homens entre voluntários com idade acima de 46 anos. Observa-se, também, que a média dos homens permanece num nível mais estável ao longo da vida enquanto a das mulheres apresenta uma variação maior. Já a função proteção do eu é mais valorizada pelas mulheres até os 45 anos, e na faixa etária a partir dos 46 anos passa a ser mais relevante para os homens.

Tais diferenças podem ser entendidas a partir da autoestima. Definida como a representação do autovalor, consiste nos pensamentos e sentimentos da pessoa acerca de si mesmo (Kernis, 2005). Entende-se que um indivíduo com alta autoestima acredita ser respeitado e valorizado (Schultheisz & Aprile, 2013). No que tange às diferenças de gênero, as mulheres parecem considerar mais os relacionamentos enquanto homens o sucesso e realizações (Stein, Newcomb & Bentler, 1992).

Assim, a variação na importância da função engrandecimento entre as mulheres pode ser interpretada pela necessidade de valorização de si mesma. Na faixa entre 29 e 45 anos as mulheres experimentam mudanças corporais e relacionais significativas (muitas vezes associadas à maternidade), e por isso buscam no voluntariado uma maneira de sentirem-se bem consigo mesmas. Ao mesmo tempo, até os 45 anos sentem-se mais culpadas pelas coisas

boas que podem vivenciar e procuram aliviar esta culpa engajando-se no voluntariado. A partir dos 46 anos esta preocupação torna-se maior entre os homens, que neste momento da vida espera-se que já tenham construído uma história de conquistas pessoais e profissionais.

Bem-estar

As medidas de senso de comunidade e bem-estar geral variaram de acordo com a faixa etária. Os voluntários mais jovens apresentaram menores níveis de senso de comunidade do que os demais. E o mesmo se repetiu nas medidas de bem-estar geral.

Barros (2010) aponta que jovens adultos que estão no momento de transição de níveis de maturidade e de classe social se preocupam principalmente em conquistar sua liberdade, preservar a intimidade, e tornar-se independente da família, financeira e emocionalmente. Neste sentido, pode-se entender que os vínculos comunitários fiquem relegados a posições de menor importância até que esta nova identidade de adulto esteja estabelecida. Daí os menores níveis de senso de comunidade entre os voluntários mais jovens.

A medida de bem-estar geral é uma média de todas as medidas de bem-estar. Assim, o resultado semelhante pode ser interpretado como reflexo do efeito da faixa etária sobre o senso de comunidade.

O senso de comunidade também variou conforme o tempo de voluntariado. O grupo que realiza trabalho voluntário há mais de dois anos apresentou maiores níveis de senso de comunidade que os demais. Tal resultado pode ser um indício de que pessoas com maior nível de senso de comunidade tendem a permanecer por mais tempo no voluntariado, como também apontam Omoto e Packard (2016) em seu estudo com voluntários entre 18 e 93 anos. Este fato é de grande interesse das organizações, visto que a retenção dos voluntários é um dos grandes desafios da gestão de pessoas nestes contextos.

Relação entre motivações e bem-estar

Investigando a relação entre as motivações dos voluntários e o bem-estar, identificou-se que a função proteção do eu se relacionou de forma inversa com o bem-estar pessoal. Outros estudos corroboram este resultado. Stukas et al. (2016) realizaram um estudo com voluntários australianos e encontraram uma relação negativa entre voluntariar-se por motivos protetivos e bem-estar pessoal, autoestima, autoeficácia e conexão social. Konrath et al. (2012), por sua vez, identificaram que pessoas que se voluntariam por motivos auto-orientados apresentam risco de mortalidade semelhante aos não voluntários.

A função entendimento apresentou relação direta com o bem-estar pessoal. O mesmo estudo de Stukas et al. (2016) também encontrou uma relação positiva entre a função entendimento e bem-estar pessoal, autoestima, autoeficácia e conexão social. Ferrari et al. (2007), entretanto, apontaram que motivos centrados no próprio voluntário estão associados ao estresse num estudo com cuidadores voluntários. Nesta perspectiva, seria esperado que a função entendimento também apresentasse relação inversa. Entretanto, Gillath et al. (2005) sugerem que esta função pode ser entendida como um motivo centrado nos outros quando representa a vontade do voluntário de explorar o seu contexto, principalmente se refere-se a aprender sobre outras pessoas. Na análise fatorial exploratória do IFV nesta amostra, a função entendimento abrangeu itens de crescimento pessoal e formação de novos vínculos sociais. Então, pode ser considerada uma motivação centrada nos outros e corrobora os estudos que apontam que estas motivações se relacionam positivamente com o bem-estar.

Juntas, as funções proteção do eu e entendimento foram capazes de explicar 6% da variância do bem-estar pessoal na amostra deste estudo. Já no estudo de Stukas et al. (2016), além destas duas as funções social, valores e carreira também foram preditoras de bem-estar pessoal, e todas juntas explicaram 12% da variância.

As demais motivações não foram preditoras de bem-estar pessoal nesta amostra, e nenhuma das motivações investigadas foi preditora de bem-estar psicológico e de senso de comunidade. Este dado difere de outros encontrados na literatura. Konrath et al. (2012) apontaram que voluntários que valorizam as conexões sociais e valores altruístas apresentam menor risco de morte se comparados a não voluntários. Já Kumnig, Schnitzer, Beck, Mitmansgruber, Jowsey, Kopp e Rumpold (2015) relataram alto nível de bem-estar psicológico entre voluntários que consideram motivos de valores e conhecimento muito relevantes e motivos de engrandecimento pouco relevantes. Finalmente, Veerasamy, Sambasivan e Kumar (2015) encontraram um impacto positivo de motivações relacionadas a valores e proteção do eu sobre a satisfação com a vida e de motivos de valores, engrandecimento e sociais sobre o bem-estar pessoal de voluntários na Malásia.

Em contrapartida, Pi, Lin, Chen, Chiu e Chen (2014) também não encontraram relação significativa entre motivações para o voluntariado e bem-estar. Esses autores sugerem que esta diferença pode ser explicada por alguma variável que seja mediadora desta relação. Neste sentido, Kwok et al. (2013) apontaram que esta variável é a satisfação com o voluntariado, ou seja, se o voluntário entende que sua experiência está sendo satisfatória ao atender as necessidades que buscou suprir quando se engajou na atividade.

Da mesma forma como ocorreu nas análises referentes às medidas de bem-estar, na análise da relação entre motivações e bem-estar o resultado concernente ao bem-estar geral repetiu o resultado das análises das medidas individuais. As funções proteção do eu e entendimento foram as únicas preditoras e explicaram 7,2% da variância. Neste caso a medida de bem-estar geral também foi calculada pela média das diferentes escalas de bem-estar utilizadas na pesquisa. Logo, entende-se que o resultado se deve à relação entre estas funções e o bem-estar pessoal.

Por fim, cabe ainda discutir o papel do senso de comunidade na relação entre motivações e bem-estar de voluntários. Neste trabalho partiu-se da perspectiva multidimensional do bem-estar, que entende o senso de comunidade como um dos fatores que compõem o bem-estar sociocomunitário (Sarriera, 2015). Por esta razão ele foi estudado como variável de desfecho. Mas os resultados não significativos podem indicar que seu papel é mesmo de preditor do voluntariado, como tem sido apontado em grande parte dos estudos que procuram entender seu papel no voluntariado (Ferrari et al., 2007; Hyde et al., 2016; Omoto & Packard, 2016; Pozzi et al., 2014)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo se propôs a verificar a relação entre as motivações para o voluntariado e o bem-estar dos voluntários. A amostra estudada apresentou resultados semelhantes ao da literatura no que se refere aos motivos mais prevalentes, sendo a expressão de valores e interações sociais.

Diferente de outros estudos, as motivações que apresentaram relação significativa com o bem-estar foram a proteção do eu e entendimento, enquanto as demais não. Entende-se, então, que existem variáveis mediadoras desta relação que não foram consideradas neste estudo. A literatura tem sugerido que uma destas variáveis é a satisfação com o voluntariado (Kwok et al., 2013).

O estudo apresenta como limitação o fato de que é uma pesquisa transversal, portanto não permite averiguar a direção da relação entre as variáveis. Estudos longitudinais são necessários para que se possa afirmar se as motivações ou o bem-estar ocorrem primeiro.

Além disso, destaca-se a importância de que novos estudos brasileiros sejam realizados, considerando as variáveis mediadoras da relação entre motivações e bem-estar. E também averiguando a relação destas com a intenção do voluntário de permanecer na

atividade, visto que este é um dos principais objetivos das organizações que dependem da força do voluntariado para se manterem em funcionamento.

CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou investigar a relação entre as diferentes motivações e o bem-estar de voluntários. No capítulo II foram analisados estudos internacionais que se dedicaram ao mesmo tema, a partir de uma revisão sistemática. No capítulo III foi apresentada uma pesquisa empírica com voluntários brasileiros envolvidos em ações sociais, educativas e de saúde.

O voluntariado já se tornou expressivo na sociedade a ponto de ser reconhecido mundialmente como uma prática benéfica a quem o pratica e a quem o recebe. As mais variadas causas tem despertado o interesse de pessoas que se organizam em instituições as quais, muitas vezes, dependem quase exclusivamente da participação dos voluntários para manterem as portas abertas.

Diante deste fato, um dos maiores desafios destas instituições é manter os voluntários atuando por um longo período de tempo. Combater as desistências e recrutar novos voluntários é uma das atribuições mais importantes dos gestores desta área. Um dos fatores que pode auxiliá-los nesta tarefa é entender quais as motivações que movem as pessoas que estão engajadas em suas instituições.

Este trabalho partiu de uma perspectiva funcionalista, para investigar as principais motivações dos voluntários, e identificou que todos consideram a expressão de valores altruístas como o motivo mais relevante para voluntariarem-se. Entretanto, os resultados também sugeriram que apenas conhecer as motivações não é suficiente.

Além disso, as diferenças por sexo e faixa etária em cada um dos motivos foram analisadas. As médias variaram conforme o sexo nas funções valores e entendimento, sendo mais alta entre as mulheres em ambos os casos. Já as funções carreira, engrandecimento, proteção do eu e social se diferenciaram entre faixas etárias.

As medidas de bem-estar apresentaram médias adequadas. Houve diferenças significativas no senso de comunidade e no bem-estar geral, ambos variando conforme faixa etária e tempo de voluntariado.

É o conhecimento da relação entre as motivações e o bem-estar que pode auxiliar ainda mais os gestores a manterem seus voluntários engajados por mais tempo. Neste trabalho foi identificada relação positiva entre a função entendimento e o bem-estar geral e uma relação negativa entre motivos relacionados a carreira e a mesma medida de bem-estar. No entanto, estas duas motivações tiveram baixo poder explicativo da variância do bem-estar geral.

Também pôde-se entender, a partir desta pesquisa, que a relação entre as motivações e o bem-estar dos voluntários parece estar mediada pela satisfação dos objetivos destes ao voluntariarem-se. Assim, sugere-se que novos estudos sejam empreendidos no intuito de investigar qual a relação do bem-estar com a intenção dos voluntários de permanecerem na atividade. Ainda cabem investigações sobre a posição do bem-estar nesta equação, se ele é apenas um resultado do voluntariado ou se seu aumento com a prática voluntária também pode se tornar um fator motivador para a manutenção da mesma ao longo do tempo.

Referências

- Accorssi, A., Scarparo, H., & Guareschi, P. (2012). A naturalização da pobreza: reflexões sobre a formação do pensamento social. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 536-546.
- Australian Bureau of Statistics. (2011). *Voluntary work, Australia 2010*. Canberra: ABS.
- Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social. (2001). Terceiro setor e desenvolvimento social. Recuperado em http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/relato/tsetor.pdf
- Bang, H., Won, D., & Kim, Y. (2009). Motivations, commitment, and intentions to continue volunteering for sporting events. *Event Management*, 13, 69–81.
- Barros, M. M. L. (2010). Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 71-92.
- Bedin, L. M., & Sarriera, J. C. (2014). Propriedades psicométricas das escalas de bem-estar: PWI, SWLS, BMSLSS e CAS. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 213-225.
- Bidee, J., Vantilborgh, T., Pepermans, R., Huybrechts, G., Willems, J., Jegers, M., & Hofmans, J. Autonomous motivation stimulates volunteers' work effort: a Self-Determination Theory approach to volunteerism. *Voluntas*, 24(1), 32-47. doi: 10.1007/s11266-012-9269-x
- Binder, M. & Freytag, A. (2013). Volunteering, subjective well-being and public policy. *Journal of Economic Psychology*, 34, 97–119. doi: 10.1016/j.joep.2012.11.008
- Blanco, A., & Díaz, D. (2005). El bienestar social: su concepto y medición. *Psicothema*, 17(4), 582-589.
- Boraas, S. (2003). Volunteerism in the United States. *Monthly Labor Review*, 126(8), 3–11.

- Brasil. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil. Recuperado em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv62841.pdf>
- Busseri, M.A. (2015). Toward a resolution of the tripartite structure of subjective well-being. *Journal of Personality*, 83(4), 413-328. doi: 10.1111/jopy.12116
- Cabrera-Darias, M.E.; & Marrero-Quevedo, R.J. (2015). Motivos, personalidad y bienestar subjetivo en el voluntariado. *Anales de Psicología*, 31(3), 791-801.
- Carballal, L.B. (2009). El voluntariado: entre la ciudadanía y la ideología. *Revista Katálisis*, 12(2), 235-240.
- Carstensen LL (2006) The influence of a sense of time on human development. *Science*, 312(5782), 1913–1915. doi:10.1126/science.1127488
- Cavalcante, C. E., Souza, W. J., & Mól, A. L. R. (2015). Motivação de voluntários: Proposição de um modelo teórico. *Revista de Administração Mackenzie*, 16(1), 124-156.
- Chacón, F., Gutiérrez, G., Sauto, V., Vecina, M.L., & Pérez, A. (2017). Volunteer Functions Inventory: a systematic review. *Psicothema*, 29(3), 306-316. doi: 10.7334/psicothema2016.371
- Chacón, F., Pérez, T., Flores, J., & Vecina, M. L. (2010). Motivos del voluntariado: categorización de las motivaciones de los voluntarios mediante pregunta abierta. *Intervención Psicosocial*, 19(3), 213-222. doi: 10.5093/in2010v19n3a2
- Chavis, D. M., Hogge, J. H., McMillan, D. W., & Wandersman, A. (1986). Sense of community through Brunswik's lens: a first look. *Journal of Community Psychology*, 14(1), 24-40. doi:10.1002/1520-6629(198601)14:1<24::AIDJCOP2290140104>3.0.CO;2-P
- Chen, F.F., Jing, Y., Hayes, A., & Lee, J.M. (2013). Two concepts or two approaches? A Bifactor Analysis of Psychological and Subjective Well-Being. *Journal of Happiness Studies*, 14, 1033–1068. doi: 10.1007/s10902-012-9367-x
- Chew, S.S., & Pyun, D.Y. (2015). Volunteer motivations in sport: gender differences among college students in Singapore. *Asian Journal of Physical Education and Sport Science*, 3(2), 65-80.
- Clary, E. C., Snyder, M., Ridge, R.D., Copeland, J., Stukas, A. A., Hauger, J., & Miene, P. (1998). Understanding and assessing the motivations of volunteers: a functional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1516-1530.

- Cummins, R. A., Eckersley, R., Pallant, J., Van Vugt, J., & Misajon, R. (2003). Developing a national index of subjective wellbeing: the Australian Unity Wellbeing Index. *Social Indicators Research*, 64(2), 159-190.
- Currie, M. J. B., Lackova, P., & Dinnie, E. (2016). Greenspace matters: exploring links between greenspace, gender and well-being with conservation volunteers. *Landscape Research*, 41(6), 641-651.
- Dávila, M. C. (2003). *La incidencia diferencial de los factores psicosociales en distintos tipos de voluntariado*. Tesis doctoral no publicada, Universidad Complutense de Madrid, Madrid. Recuperado de <http://biblioteca.ucm.es/tesis/psi/ucm-t26478.pdf>
- Decreto nº 9,149 de 28 de agosto de 2017. Diário Oficial da União: Seção 1, nº 166. Acessado em 27 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=6&data=29/08/2017>
- Dennis, M.K., Scanlon, E.T., & Sellon, A.M. (2017). “It’s a generosity loop”: Religious and spiritual motivations of volunteers who glean produce to reduce food insecurity. *Journal of Religion and Spirituality in Social Work: Social Thought*, 1-23. doi: 10.1080/15426432.2017.1284633
- Dias, R. A. M. & Palassi, M. P. (2007, novembro). Produção científica sobre o voluntariado: uma análise a partir dos artigos publicados nos principais eventos e revistas nacionais de administração. In *Anais da Conferência Regional de ISTR para América Latina e El Caribe* (pp. 1-16). Salvador, BA.
- Díaz, D., Stavradi, M., Blanco, A., & Gandarillas, B. (2015). The eudaimonic component of satisfaction with life and psychological well-being in Spanish cultures. *Psicothema*, 27(3), 247-253. doi: 10.7334/psicothema2015.5
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542–575.
- Diener, E., Kesebir, P., & Lucas, R. (2008). Benefits of accounts of well-being - for societies and for psychological science. *Applied Psychology: an international review*, 57, 37–53. doi: 10.1111/j.1464-0597.2008.00353.x
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, E. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125(2), 276-302. doi:10.1136/bmjopen-2015-008614
- Dulin, P., Hill, R. D., & Anderson, J. (2001). Altruism as a predictor of life satisfaction in older low income service providers. *Journal of Mental Health & Aging*, 4, 349-359.

- Ferrari, J. R., Luhrs, T., & Lyman, V. (2007). Eldercare volunteers and employees: Predicting caregiver experiences from service motives and sense of community. *The Journal of Primary Prevention, 28*(5), 467-479. doi: 10.1007/s10935-007-0108-6
- Ferreira, M., Proença, T., & Proença, J. F. (2008). As motivações no trabalho voluntário. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão, 7*(3), 43-53.
- Fundação Itaú Social. (2014). Opinião do brasileiro sobre voluntariado. Recuperado em http://fundacao-itaú-social-producao.s3.amazonaws.com/files/s3fs-public/biblioteca/documentos/pesquisa_voluntariado-12.2014.pdf?So_s7_Mp1D4WQHilEPE_uNRfTYOVyCKo
- Galán, E., & Cabrera, P. (2002). Características personales y madurez del voluntariado. *Revista de Psicodidáctica, 14*, 0.
- García Roca, X. (2001). El voluntariado en la sociedad de bienestar. *Documentación Social, 122*, 15-39.
- Garland, D. R., Myers, D. M., & Wolfer, T. A. (2008). Social work with religious volunteers: Activating and sustaining community involvement. *Social Work, 53*(3), 255–265. doi:10.1093/sw/53.3.255
- Gebauer, J.E., Riketta, M., Broemer, P., & Maio, G.R. (2008). Pleasure and pressure based prosocial motivation: Divergent relations to subjective well-being. *Journal of Research in Personality, 42*(2), 399-420. doi:10.1016/j.jrp.2007.07.002
- GHK (2010). Study on Volunteering in the European Union. Bruselas: Education-al, Audiovisual & Culture Executive Agency (EAC-EA). Directorate General Education and Culture (DG-EAC). Recuperado de http://ec.europa.eu/citizenship/pdf/doc1018_en.pdf
- Giacomoni, C. H. (2004). Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia da SBP, 12*(1), 43– 50.
- Gillath, O., Shaver, P. R., Mikulincer, M., Nitzberg, R. E., Erez, A., & van Ijzendoorn, M. H. (2005). Attachment, caregiving, and volunteering: Placing volunteerism in an attachment-theoretical framework. *Personal Relationships, 12*, 425–446.
- Gomes, D. R. F. (2009). Mundos vividos: os caminhos do voluntariado hospitalar (Dissertação de mestrado). Recuperado em <https://estudogeral.sib.uc.pt/>
- Gonçalves, C.A., Ferreira, M.A.M., & Teixeira, K.M.D. (2016). Gênero e mercado de trabalho em São Paulo: uma análise a partir dos dados da PNAD 2011. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica, 27*(1), 96-116.

- Goth, U.S., & Smaland, E. (2014). The role of civic engagement for men's health and well being in norway: a contribution to public health. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 11(6), 6375-6387. doi:10.3390/ijerph110606375
- Greenfield, E. A., & Marks, N. F. (2004). Formal volunteering as a protective factor for older adults' psychological well-being. *The Journals of Gerontology: Series B*, 59(5), S258–S264. doi: 10.1093/geronb/59.5.S258
- Hallmann, K., & Harms, G. (2012). Determinants of volunteer motivation and their impact on future voluntary engagement. *International Journal of Event and Festival Management*, 3(3), 272 - 291. doi: 10.1108/17582951211262701
- Ho, Y. W., You, J., & Fung, H. H. (2012). The moderating role of age in the relationship between volunteering motives and well-being. *European Journal of Ageing*, 9(4), 319–327. doi: 10.1007/s10433-012-0245-5
- Hobbs, S. J., & White, P. C. L. (2015). Achieving positive social outcomes through participatory urban wildlife conservation projects. *Wildlife Research*, 42(7), 607-617. doi: 10.1071/WR14184
- Hong, S. I., & Morrow-Howell, N. (2010). Health outcomes of Experience Corps: a high-commitment volunteer program. *Social Science & Medicine*, 71(2), 414-420. doi: 10.1016/j.socscimed.2010.04.009
- Huta, V., Pelletier, L.G., Baxter, D., & Thomson, A. (2012). How eudaimonic and hedonic motives relate to the well-being of close others. *Journal of Positive Psychology*, 7, 399–404.
- Hyde, M.K., Dunn, J., Wust, N., Bax, C., & Chambers, S.K. (2016). Satisfaction, organizational commitment and future action in charity sport event volunteers. *International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing*, 21(3), 148-167. doi:10.1002/nvsm.1552
- International Association for Volunteer Effort [IAVE]. (1990). Declaração Universal do Voluntariado. Recuperado em <https://www.iave.org/advocacy/the-universal-declaration-on-volunteering/>
- Jack, B.A., Kirton, J.A., Birakurataki, J., & Merriman, A. (2012). The personal value of being a palliative Care Community Volunteer Worker in Uganda: A qualitative study. *Palliative Medicine*, 26(5), 753-759. doi: 10.1177/0269216311413628
- Kernis, M. H. (2005). Measuring self-esteem in context: The importance of stability of self-esteem in psychological functioning. *Journal of Personality*, 73(6), 1569-1605. DOI:10.1111/j.1467-6494.2005.00359.x

- Keyes, C. L. M. (1998). Social well-being. *Social Psychology Quarterly*, 61(2), 121-140.
- Khoo, S., & Engelhorn, R. (2011). Volunteer motivations at a national Special Olympics event. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 28, 27-39.
- Konrath, S., Fuhrel-Forbis, A., Lou, A., & Brown, S. (2012). Motives for volunteering are associated with mortality risk in older adults. *Health Psychology*, 31(1), 87-96. doi:10.1037/a0025226
- Kulik, L.; Bar, R.; Dolev, A. (2016). Gender differences in emergency volunteering. *Journal of Community Psychology*, 44(6),695-713. doi:10.1002/jcop.21795
- Kumrig, M., Schnitzer, M., Beck, T. N., Mitmansgruber, H., Jowsey, S. G., Kopp, M., & Rumpold, G. (2015). Approach and avoidance motivations predict psychological well-being and affectivity of volunteers at the Innsbruck 2008 Winter Special Olympics. *Voluntas*, 26, 801–822. doi: 10.1007/s11266-014-9462-1
- Kwok, Y. Y., Chui, W. H., & Wong, L. P. (2013). Need satisfaction mechanism linking volunteer motivation and life satisfaction: A mediation study of volunteers subjective well-being. *Social Indicators Research*, 114(3),1315-1329. doi:10.1007/s11205-012-0204-8
- Law, B. M. F., & Shek, D. T. L. (2009). Beliefs about volunteerism, volunteering intention, volunteering behavior, and purpose in life among Chinese adolescents in Hong Kong. *The Scientific World Journal*, 9, 855–865.
- Lemos, S. L. L. (2016). Motivação para expectativa, entrada, permanência e saída: um estudo longitudinal no voluntariado da Fundação Cidade Viva (Dissertação de mestrado). Recuperado em <http://tede.biblioteca.ufpb.br/>
- Levine, R. V., Norenzayan, A., & Philbrick, K. (2001). Cross-cultural differences in helping strangers. *Journal of Cross-cultural Psychology*,32(5), 543-560.
- Liberati, A., Altman, D. G., Tetzlaff, J., Mulrow, C., Gøtzsche, P. C., Ioannidis, J. P. A., Moher, D. (2009). The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate healthcare interventions: explanation and elaboration. *Journal of Clinical Epidemiology*, 62(10), 1–34. <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.b2700>
- Machado, W. L., Bandeira, D. R., & Pawlowski, J. (2013). Validação da Psychological Well-being Scale em uma amostra de estudantes universitários. *Avaliação Psicológica*, 12(2), 263-272.
- MacKenzie, S., Baadjies, L., & Seedat, M. (2015). A phenomenological study of volunteers' experiences in a South African waste management campaign. *Voluntas*, 26, 756–776. doi: 10.1007/s11266-014-9450-5

- MacKerron, G., & Mourato, S. (2013). Happiness is greater in natural environments. *Global environmental change*, 1-24. DOI: 10.1016/j.gloenvcha.2013.03.010
- Marta, E., Guglielmetti, C. & Pozzi, M. (2006). Volunteerism during young adulthood: an Italian investigation into motivational patterns. *Voluntas*, 17(3), 221-232.
- Marta, E., Pozzi, M., & Marzana, D. (2010). Volunteers and ex-volunteers: paths to civic engagement through volunteerism. *Psykhé*, 19(2), 5-17.
- McMilan, D. W., & Chavis, D. M. (1986). Sense of community: a definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14(1), 6-23. doi:10.1002/1520-6629(198601)14:1<6::AIDJCOP2290140103>3.0.CO;2-I
- Meier, S., & Stutzer, A. (2008). Is volunteering rewarding in itself? *Economica*, 75, 39–59. doi:10.1111/j.1468-0335.2007.00597.x
- Mellor, D., Hayashi, Y., Stokes, M., Firth, L., Lake, L., Staples, M., ...Cummins, R. (2009). Volunteering and its relationship with personal and neighborhood well-being. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 38(1), 144-159. doi:10.1177/0899764008317971
- Metzer, J. C. (2003). Volunteering work stress and satisfaction at the turn of the 21st Century. In M. F. Dollard, A. H. Winefield & H. R. Winefield (Eds.), *Occupational stress in the service professions* (pp. 389-407). London: Taylor & Francis. Recuperado de [http://books.google.es/books?hl=es&lr=&id=_br8RhFNGugC&oi=fnd&pg=PA389&dq=Metzer,+J.C.+\(2003\).+Volunteer+Work:+Stress+and+satisfaction+at+the+turn+of+the+21st+Century.&ots=B_Aai-k_3d&sig=76bX1EM80_9BcPa-r765Qd9gVr0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.es/books?hl=es&lr=&id=_br8RhFNGugC&oi=fnd&pg=PA389&dq=Metzer,+J.C.+(2003).+Volunteer+Work:+Stress+and+satisfaction+at+the+turn+of+the+21st+Century.&ots=B_Aai-k_3d&sig=76bX1EM80_9BcPa-r765Qd9gVr0#v=onepage&q&f=false)
- Monteiro, S., Gonçalves, E., & Pereira, A. (2013). Estudo das motivações para o voluntariado numa amostra de voluntários hospitalares em contexto oncológico: relação com bem-estar psicológico e qualidade de vida. *Psychology, Community & Health*, 1(2), 201–211. doi:10.5964/pch.v1i2.31
- Morrow-Howell, N., Hinterlong, J., Rozario, P. A., & Tang, F. (2003). Effects of volunteering on the well-being of older adults. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 58B(3), S137–S145.
- Müller, D., Ziegelmann, J.P., Simonson, J., Tesch-Römer, C., & Huxhold, O. (2014). Volunteering and Subjective Well-Being in Later Adulthood: Is Self-Efficacy the Key? *International Journal of Developmental Science*, 8(3-4), 125-135. doi: 10.3233/DEV-14140

- Mundaca, L. F., & Gutiérrez, M. Z. (2014). Bienestar psicológico: adultos mayores activos a través del voluntariado. *Ciencia y enfermería, XX(1)*, 123-130.
- O'Brien, L., Burls, A., Townsend, M., & Ebden, M. (). Volunteering in nature as a way of enabling people to reintegrate into society. *Perspectives in Public Health, 131(2)*, 71-81. doi: 10.1177/1757913910384048
- Ohmer, M. L., Meadowcroft, P., Freed, K., & Lewis, E. (2009). Community gardening and community development: Individual, social and community benefits of a community conservation program. *Journal of Community Practice, 17(4)*, 377-399. doi: 10.1080/10705420903299961
- Okun, M. A., & Schultz, A. (2003). Age and motives for volunteering: testing hypotheses derived from socioemotional selectivity theory. *Psychology and Aging, 18*, 231-239. doi: 10.1037/0882-7974.18.2.231
- Omoto, A. M., & Packard, C.D. (2016). The power of connections: Psychological sense of community as a predictor of volunteerism. *The Journal of Social Psychology, 156(3)*, 272-290. DOI: 10.1080/00224545.2015.1105777
- Omoto, A. M., & Snyder, M. (1995). Sustained helping without obligation: Motivation, longevity of service, and perceived attitude change among Aids volunteers. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*, 671-686.
- Pi, L., Lin, Y., Chen, C., Chiu, J., & Chen, Y. (2014). Serious leisure, motivation to volunteer and subjective well-being of volunteers in recreational events. *Social Indicators Research, 119(3)*, 1485-1494. doi:10.1007/s11205-013-0562-x
- Pilati, R., & Hees, M. A. G. (2011). Evidências de validade de uma versão brasileira do Inventário de Funções do Voluntariado - IFV. *Psico-USF, 16(3)*, 275-284.
- Piliavin, J. A., & Siegl, E. (2007). Health benefits of volunteering in the Wisconsin Longitudinal Study. *Journal of Health and Social Behavior, 48*, 450-464.
- Plagnol, A. C., & Huppert, F. A. (2010). Happy to help? Exploring the factors associated with variations in rates of volunteering across Europe. *Social Indicators Research, 97*, 157-176. doi: 10.1007/s11205-009-9494-x
- Planalp, S., & Trost, M. (2009). Motivations of hospice volunteers. *American Journal of Hospice & Palliative Medicine, 26(3)*, 188-192. doi: 10.1177/1049909108330030
- Pozzi, M., Marta, E., Marzana, D., Gozzoli, C., & Ruggieri, R. A. (2014). The effect of the psychological sense of community on the psychological well-being in older volunteers. *Europe's Journal of Psychology, 10(4)*, 598-612. doi:10.5964/ejop.v10i4.773

- Rezende, M. J. (2008). Os objetivos de desenvolvimento do milênio e as ações voluntárias: em questão os esforços individuais e o processo de individualização. *Convergencia, Revista de Ciencias Sociales*, 48, 105-135.
- Rodríguez, E. E., Sánchez, E. G. M., & Arocena, F. A. L. (2013). Altruismo y bienestar social em la explicación de voluntariado em estudiantes mexicanos de bachillerato y licenciatura. *Psicología Iberoamericana*, 21(2), 85-95.
- Ruiter, S., & De Graaf, N. D. (2006). National context, religiosity, and volunteering: Results from 53 countries. *American Sociological Review*, 71, 191–210.
- Ryan, R., & Deci, E. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well being. *American Psychologist*, 55, 68–78.
- Ryan, R., & Deci, E. (2001). On happiness and human potentials: a review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-166. doi: 10.1146/annurev.psych.52.1.141.
- Ryff, C. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 1069-1081.
- Ryff, C. D. & Essex, M. J. (1992). The interpretation of life experience and well-being: the sample case of relocation. *Psychology and Aging*, 7(4), 507-517.
- Ryff, C. D., & Keyes, C. L. M. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology* 69(4), 719–727.
- Ryff, C. D., & Singer, B. H. (2006). Best news yet on six-factor model of well being. *Social Science Research*, 35, 1103–1119.
- Sampaio, J. R. (2004). *Voluntários: um estudo sobre a motivação de pessoas e cultura em uma organização do terceiro setor* (Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil). Recuperado em www.teses.usp.br
- Sampaio, R. F., & Mancini, M. C. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 11(1), 83-89.
- Sarriera, J. C., Strelhow, M. R. W., Bedin, L. M., Moura Jr, J. F., Rodrigues, A. L., & Calza, T. Z. (2015). Adaptation of the Sense of Community Index for Brazilian children. *Paidéia*, 25(60), 39-47. doi: 10.1590/1982-43272560201506
- Sarriera, J. C. (2015). O bem-estar comunitário: bases conceituais e de pesquisa. In J. C. Sarriera, E. T. Saforcada & J. Alfaro. (Eds.), *Perspectiva psicossocial na saúde comunitária: a comunidade como protagonista* (pp. 63-87). Porto Alegre: Editora Sulina.

- Schultheisz, T. S. V., & Aprile, M. R. (2013). Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. *Revista Equilíbrio Corporal e Saúde*, 5(1), 36-48.
- Snyder, M. & Omoto, A. M. (2008). Volunteerism: social issues perspectives and social policy implications. *Social Issues and Policy Review*, 2(1), 1-36.
- Son, J., & Wilson, J. (2012). Volunteer work and hedonic, eudemonic, and social well-being. *Sociological Forum*, 27(3), 658-681. doi: 10.1111/j.1573-7861.2012.01340.x
- Souza, L. M., Lautert, L., & Hilleshein, E. F. (2011). Qualidade de vida e trabalho voluntário em idosos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(3), 665-671.
- Stein, J. A., Newcomb, M. D. & Bentler, P. M. (1992). The effect of agency and communality on self-esteem: Gender differences in longitudinal data. *Sex Roles* 26(11-12), 465-483. doi:10.1007/BF00289869
- St-Louis, A. C., Carbonneau, N., & Vallerand, R. J. (2016). Passion for a cause: how it affects health and subjective well-being. *Journal of Personality*, 84(3), 263-276. doi: 10.1111/jopy.12157
- Stukas, A. A., Hoye, R., Nicholson, M., Brown, K. M., & Aisbett, L. (2016). Motivations to volunteer and their associations with volunteers' well-being. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 45(1), 112–132. DOI: 10.1177/0899764014561122
- Switzer, C. L., Switzer, G. E., Stukas, A. A., & Baker, C. E. (1999). Medical student motivations to volunteer: Gender differences and comparisons to other volunteers. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 18, 53–64. doi:10.1300/J005v18n01_05
- Taghian, M., D'Souza, C., & Polonsky, M. (2012). A study of older Australians' volunteering and quality of life: empirical evidence and policy implications. *Journal of Nonprofit and Public Sector Marketing*, 24(2), 101-122. doi:10.1080/10495142.2012.679161
- Thoits, P. A., & Hewitt, L. N. (2001). Volunteer work and well-being. *Journal of Health and Social Behavior*, 42, 115-131.
- Topp, S.M., Price, J.E., Nanyangwe-Moyo, T., Mulenga, D.M., Dennis, M.L., & Ngunga, M.M. (2015). Motivations for entering and remaining in volunteer service: findings from a mixed-method survey among HIV caregivers in Zambia. *Human resources for health*, 13(72). doi: 10.1186/s12960-015-0062-y
- Townsend, M., Gibbs, L., Macfarlane, S., Block, K., Staiger, P., Gold, L., Johnson, B., & Long, C. (2014). Volunteering in a school kitchen garden program: cooking up confidence, capabilities, and connections! *Voluntas*, 25(1), 225-247. doi:10.1007/s11266-012-9334-5

- Van de Vliert, E., Huang, X., & Levine, R. V. (2004). National wealth and thermal climate as predictors of motives for volunteer work. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 35, 62-73.
- van Dillen, S.M., de Vries, S., Groenewegen, P.P., & Spreeuwenberg P. (2012). Greenspace in urban neighbourhoods and residents' health: adding quality to quantity. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 66(6), e8. doi: 10.1136/jech.2009.104695
- Van Willigen, M. (2000). Differential benefits of volunteering across the life course. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 55, S308-S318. doi: 10.1093/geronb/55.5.S308
- Vareilles, G., Pommier, J., Marchal, B., & Kane, S. (2017). Understanding the performance of community health volunteers involved in the delivery of health programmes in underserved areas: A realist synthesis. *BMJ Open*, 5(e008614).
- Vecina, M. L., & Chacón, F. (2005). Positive emotions in volunteerism. *The Spanish Journal of Psychology*, 8(1), 30-35.
- Vecina, M.L., & Chacón, F. (2013). Volunteering and well-being: Is pleasure-based rather than pressure-based prosocial motivation that which is related to positive effects? *Journal of Applied Social Psychology*, 43(4), 870-878. doi:10.1111/jasp.12012
- Veerasingam, C., Sambasivan, M., & Kumar, N. (2015). Life satisfaction among healthcare volunteers in Malaysia: role of personality factors, volunteering motives, and spiritual capital. *Voluntas*, 26, 531–552. doi: 10.1007/s11266-014-9437-2
- Wilson, J. (2012). Volunteerism research. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 41(2), 176–212. doi: 10.1177/0899764011434558
- Wu, J., Wing Lo, T. & Liu, E. S. (2009). Psychometric properties of the volunteer functions inventory with Chinese students. *Journal of Community Psychology*, 37(6), 769–780.
- Yuen, F. (2013). Building Juniper: Chinese Canadian motivations for volunteering and experiences of community development. *Leisure/Loisir*, 37(2), 159-178. doi:10.1080/14927713.2013.803677

ANEXO A

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Comportamento Pró-social e Bem-estar em Voluntários de Ações Sociais Junto a Crianças e Adolescentes

Pesquisador: JORGE CASTELLÁ SARRIERA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 62049116.3.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.007.278

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma emenda, visando a inclusão de instituição coparticipante (Instituto do Câncer Infantil) uma vez que na ocasião da aprovação do projeto a coparticipação ainda não havia sido acordada.

O projeto se propõe a investigar a motivação para o voluntariado e o bem-estar em voluntários de ações sociais na cidade de POA/RS. Com o objetivo de analisar a relação entre essas variáveis, serão realizados dois estudos: um de revisão sistemática da literatura e um quantitativo. Para o estudo quantitativo transversal, foi elaborado um questionário com questões referentes ao bem-estar, às motivações para o voluntariado e às características individuais e da vida dos participantes. O questionário será aplicado em 400 participantes com idade superior a 18 anos, selecionados por conveniência através de instituições que desenvolvem atividades com crianças e adolescentes em POA.

Objetivo da Pesquisa:

- Verificar os níveis de bem-estar subjetivo, psicológico e senso comunitário entre pessoas que fazem trabalho voluntário;
- Identificar as principais motivações que levam os participantes a realizarem trabalho voluntário;

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 2.007.278

- Verificar se há diferença nos níveis de bem-estar entre pessoas que apresentam maiores níveis de motivações altruístas ou egoístas;
- Identificar a relação entre as motivações e o bem-estar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Risco: O risco é mínimo, porém no caso do participante se sentir mobilizado por algum aspecto abordado durante a realização dessa atividade, o mesmo será encaminhado a um serviço especializado.

Benefícios: Não há benefícios diretos aos participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo visa a contribuir para o recrutamento e retenção de voluntários à medida em que conhecer as motivações dos voluntários e sua relação com o bem-estar permite um alinhamento entre os objetivos pessoais dos voluntários e das instituições.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE está completo, apresentando todas as informações necessárias.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto apresenta todas as condições para sua aprovação por este CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_883587 E1.pdf	20/03/2017 14:48:48		Aceito
Outros	Termo_concordancia_instituto_cancer_infantil.pdf	20/03/2017 14:44:18	JORGE CASTELLA SARRIERA	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONCORDANCIA_INSTITUCIONAL2.pdf	19/01/2017 14:06:41	JORGE CASTELLA SARRIERA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO2.pdf	19/01/2017 14:04:09	JORGE CASTELLA SARRIERA	Aceito

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 2.007.278

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa2.pdf	19/01/2017 14:03:44	JORGE CASTELLA SARRIERA	Aceito
Outros	ATA_qualificacao.pdf	17/11/2016 08:54:01	JORGE CASTELLA SARRIERA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	17/11/2016 08:46:18	JORGE CASTELLA SARRIERA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 07 de Abril de 2017

Assinado por:
Milena da Rosa Silva
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

ANEXO B

TERMO DE CONCORDÂNCIA INSTITUCIONAL

Aos senhores responsáveis

Conhecer as diferentes motivações que levam as pessoas a se voluntariarem favorece o recrutamento e a retenção de voluntários. Por isso, estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo geral investigar a relação entre motivação para o voluntariado, altruísmo e bem-estar. Para tanto, convidaremos voluntários com idade superior a 18 anos a responder um questionário.

Serão tomados todos os cuidados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações. As pessoas serão informadas de que sua participação no estudo é voluntária e poderá ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. A qualquer momento, tanto os participantes quanto a instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo. Os dados obtidos por meio do questionário serão guardados no Instituto de Psicologia da UFRGS e destruídos após o período de cinco anos.

Os principais riscos da participação na pesquisa envolvem o caso do voluntário se sentir mobilizado com algum aspecto relacionado à realização dessa atividade. Neste caso, ele será encaminhado a um serviço de atendimento psicológico. Haverá uma devolução dos resultados finais do estudo. Os dados serão coletados pela mestrand Cristina da Silva Hasse, com apoio dos bolsistas de iniciação científica do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária (GPPC). O pesquisador responsável é o Professor Dr. Jorge Castellá Sarriera.

Desde já, agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos através do telefone (51) 3308-5239.

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, fone (51) 33085698, e-mail: cep-psico@ufrgs.br.

Autorização: Eu _____ (nome do responsável pela Instituição) fui informado dos objetivos desta pesquisa sobre a relação entre motivação para o voluntariado, altruísmo e bem-estar. Recebi informações sobre cada procedimento, dos riscos previstos e benefícios esperados. Ao assinar esse Termo, dou meu consentimento, concordando que a pesquisa seja realizada nesta Instituição.

Assinatura do responsável

Assinatura da Pesquisadora do GPPC/UFRGS

Data ____ / ____ / ____

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Aos voluntários

Conhecer as diferentes motivações que levam as pessoas a se voluntariarem favorece o recrutamento e a retenção de voluntários. Por isso, estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo geral investigar a relação entre motivação para o voluntariado, altruísmo e bem-estar. Para tanto, como parte deste estudo, aplicaremos questionários em voluntários de ações sociais que trabalham com crianças e adolescentes e você está sendo convidado a responder um destes questionários.

Serão tomados todos os cuidados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações que forem coletadas. Sua participação é voluntária e poderá ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. Você receberá uma via deste termo e a qualquer momento poderá solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a esse estudo. Os principais riscos da participação na pesquisa envolvem o caso do você se sentir mobilizado com algum aspecto relacionado à realização dessa atividade. Neste caso, será encaminhado a um serviço de atendimento psicológico.

Os dados obtidos serão guardados no Instituto de Psicologia da UFRGS e destruídos após o período de cinco anos. Haverá uma devolução dos resultados finais do estudo. A coleta dos dados será feita pela psicóloga mestranda Cristina da Silva Hasse, com auxílio de estudantes bolsistas de iniciação científica do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária (GPPC). O Professor Dr. Jorge Castellá Sarriera é o pesquisador responsável por este estudo.

Desde já, agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos através do telefone (51) 33085239.

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, fone (51) 33085698, e-mail: cep-psico@ufrgs.br

Autorização: Eu _____ fui informado dos objetivos desta pesquisa sobre a relação entre motivações para o voluntariado, altruísmo e bem-estar. Recebi informações sobre procedimentos, riscos previstos e benefícios esperados. Terei liberdade de retirar o consentimento de participação na pesquisa em qualquer momento do processo. Ao assinar esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, não renuncio a quaisquer direitos legais e dou meu consentimento livre e esclarecido, concordando em participar deste estudo.

Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora do GPPC/UFRGS

Data ___/___/___

ANEXO D

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRUPO DE PESQUISA EM PSICOLOGIA COMUNITÁRIA
QUESTIONÁRIO: MOTIVAÇÃO E BEM-ESTAR DE VOLUNTÁRIOS

Esta é uma pesquisa vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul interessada em conhecer suas opiniões e pontos de vista. O questionário será anônimo e não há respostas certas ou erradas, estamos apenas interessados em conhecer as suas escolhas, opiniões e sentimentos. Você não precisa responder nenhuma questão que não queira. Para cada pergunta, por favor, marque a caixa ou circule o número da opção que melhor corresponde à sua situação ou opinião.

1. Sexo: () Masculino () Feminino

2. Idade _____

3. Qual seu estado civil?

- () Solteiro(a)
- () Mora com um(a) companheiro(a)
- () Casado(a)
- () Separado(a)/Divorciado(a)
- () Viúvo(a)

4. Qual sua escolaridade?

- () Ensino Fundamental incompleto
- () Ensino Fundamental completo
- () Ensino Médio incompleto
- () Ensino Médio completo
- () Ensino Superior incompleto
- () Ensino Superior completo

5. Você tem filhos? Se sim, quantos?

- () Não
- () Sim _____

6. Qual a idade deles? _____

7. No momento, em que área você exerce atividade remunerada?

- () Atualmente não exerço atividade remunerada
- () Saúde
- () Administrativa
- () Educação
- () Comércio
- () Serviços
- () Outro. Qual? _____

8. Qual sua renda familiar, referente ao último mês? (O salário mínimo atual é R\$937,00)

- () Menos de um salário mínimo

- Um a cinco salários mínimos
- Mais de cinco salários mínimos

9. Quantas pessoas moram com você? _____

10. Quantos dias por semana você realiza trabalho voluntário?

- 1-2
- 3-5
- 6-7

11. Que tipo de atividade voluntária você realiza?

- Atendimento em saúde
- Administrativa
- Educacional
- Recreativa
- Comercial
- Serviços
- Outro. Qual? _____

12. De onde são as pessoas beneficiadas pelo seu trabalho voluntário?

- Do seu próprio bairro
- De outros bairros da sua cidade
- De várias cidades

13. Há quanto tempo você está envolvido na atividade voluntária que realiza atualmente? Se realizar mais de uma, considere a que está há mais tempo.

- menos de seis mês
- de sete meses a dois anos
- mais de dois anos

Por favor, leia atentamente os itens a seguir, considerando seu conteúdo. Para responder às questões utilize a escala de resposta apresentada junto a cada pergunta. Indique o número que melhor representa o grau de importância que o item possui para o seu trabalho voluntário. O valor 1 significa "Totalmente Sem Importância" e o valor 7 significa "Totalmente Importante". Você pode escolher outros valores entre 1 e 7 para informar o grau de importância, conforme sua opinião. Lembre-se que o que interessa é sua opinião sincera sobre os aspectos que você considera relevantes para realizar seu trabalho voluntário.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente sem importância						Totalmente importante

Para você, a realização do seu trabalho voluntário é importante por quê:

1	As pessoas próximas de mim realizam trabalho voluntário.	1	2	3	4	5	6	7
2	Como voluntário eu aprendo coisas úteis para minha carreira.	1	2	3	4	5	6	7
3	Como voluntário eu faço contatos para trabalhos remunerados.	1	2	3	4	5	6	7

4	Eu aprendo com a carência (afetiva, financeira, psicológica, etc.) do outro.	1	2	3	4	5	6	7
5	Eu me sinto ativo graças ao trabalho voluntário.	1	2	3	4	5	6	7
6	Fazer algo de bom a outras pessoas é importante para mim.	1	2	3	4	5	6	7
7	Gosto de ser prestativo para a sociedade.	1	2	3	4	5	6	7
8	Meus amigos veem o voluntariado como algo importante.	1	2	3	4	5	6	7
9	No voluntariado eu perco preconceitos.	1	2	3	4	5	6	7
10	O trabalho voluntário diminui a minha culpa por ser mais afortunado que muitos.	1	2	3	4	5	6	7
11	O trabalho voluntário é uma boa forma de fazer justiça.	1	2	3	4	5	6	7
12	O trabalho voluntário funciona como uma porta para a minha carreira profissional.	1	2	3	4	5	6	7
13	O trabalho voluntário me ajuda a entender os problemas da minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
14	O voluntariado auxilia na minha capacitação para um emprego.	1	2	3	4	5	6	7
15	Por meio do voluntariado eu posso ajudar a melhorar o mundo.	1	2	3	4	5	6	7
16	O voluntariado me ajuda a compreender como o mundo poderia ser melhor.	1	2	3	4	5	6	7
17	O voluntariado me auxilia na resolução dos meus próprios problemas.	1	2	3	4	5	6	7
18	O voluntariado me permite criar vínculos afetivos com outros voluntários.	1	2	3	4	5	6	7
19	O voluntariado me permite fazer bons amigos.	1	2	3	4	5	6	7
20	Participando do trabalho voluntário aprendo a lidar com situações diferentes.	1	2	3	4	5	6	7
21	Trabalhar como voluntário(a) aumenta minha autoestima.	1	2	3	4	5	6	7
22	Trabalhar voluntariamente aumenta minha autoconfiança.	1	2	3	4	5	6	7
23	Trabalhar voluntariamente é uma forma de esquecer meus problemas.	1	2	3	4	5	6	7
24	Trabalhar voluntariamente faz eu me sentir bem comigo.	1	2	3	4	5	6	7

Atualmente, até que ponto você está satisfeito com cada um destes aspectos de sua vida?
Sendo **0 = totalmente insatisfeito e 10 = totalmente satisfeito.**

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Com sua saúde											
Com o seu nível de vida											
Com as coisas que você tem conseguido na vida											
Com o quanto você se sente seguro/a											
Com os grupos de pessoas dos quais você faz parte											
Com a segurança a respeito do seu futuro											
Com as suas relações com as outras pessoas											

As questões abaixo se referem à maneira como você lida consigo mesmo e com sua vida. Lembre-se, não há respostas certas ou erradas, apenas marque a alternativa que melhor descreve como você se sente, no momento, em relação a cada frase.

1 Discordo Totalmente	2 Discordo Parcialmente	3 Discordo Pouco	4 Concordo Pouco	5 Concordo Parcialmente	6 Concordo Totalmente
-----------------------------	-------------------------------	------------------------	------------------------	-------------------------------	-----------------------------

	1	2	3	4	5	6
1. Sinto que tenho controle sobre as situações do meu dia a dia.						
2. Eu acredito que é importante ter experiências novas que desafiem o que você pensa sobre você mesmo e sobre o mundo						
3. Acredito possuir objetivos e propósitos na minha vida						
4. Eu sou muito bom em gerenciar as diversas responsabilidades da minha vida diária.						
5. Em minha opinião, pessoas de todas as idades são capazes de continuar crescendo e se desenvolvendo.						
6. Na maioria das vezes acho minhas atividades desinteressantes e banais.						
7. Eu normalmente gerencio bem minhas finanças e negócios.						
8. Eu aprendi com a vida muitas coisas ao longo do tempo, o que me tornou uma pessoa forte e capaz.						
9. Eu gosto de fazer planos para o futuro e trabalhar para torná-los realidade.						
10. Consigo administrar bem meu tempo, desta maneira posso fazer tudo o que deve ser feito.						
11. Eu acredito que cresci muito como pessoa ao longo do tempo.						
12. Sou uma pessoa ativa para executar os planos que estipulei para mim mesmo.						
13. Eu fico frustrado quando tento planejar minhas atividades diárias porque eu nunca consigo fazer as coisas que planejo.						
14. Para mim, a vida é um contínuo processo de aprendizado, mudança e crescimento.						
15. Meus objetivos na vida têm sido mais uma fonte de satisfação do que de frustração para mim.						
16. Eu gosto de ver como minhas opiniões mudaram e amadureceram ao longo dos anos.						
17. Eu fico satisfeito quando penso no que eu já realizei na vida.						
18. Todos têm suas limitações, mas eu pareço ter mais que os outros.						

Abaixo tem algumas afirmações que as pessoas podem fazer a respeito do seu bairro. Por favor marque o quanto você concorda ou discorda com elas:

	Discordo muito	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo muito
Meus vizinhos e eu queremos coisas parecidas					
Eu consigo reconhecer muitas					

peessoas que vivem no meu bairro					
Eu me sinto em casa nesse bairro					
Poucos vizinhos me conhecem					
Eu me importo com o que meus vizinhos pensam das minhas ações					
Se houver um problema nesse bairro as pessoas que vivem aqui podem resolvê-lo					
É muito importante para mim viver nesse bairro					
Pessoas nesse bairro geralmente não se dão bem					
Eu espero viver nesse bairro por um longo tempo					

MUITO OBRIGADO PELA PARTICIPAÇÃO!